

2009/1 jul.



Vênícios  
três por quatro

## Expediente

### Conselho Editorial

Gabriel Jacobsen, Guilherme Reolon de Oliveira e Jaqueline Crestani

### Projeto Gráfico e Diagramação

Cristiano Muniz, Marcio Telles da Silveira e Mariana Benevit

### Revisão

Amanda Jansson Breitsameter e Fabiane Maldaner Bulawski

### Orientação

Wladimir Ungaretti

### Impressão

Gráfica da UFRGS

## Agradecimento

Não se concebe mais, hoje em dia, um jornal sem ilustrações ou fotografias. Elas são essenciais, muitas vezes, para um melhor entendimento das reportagens. Se assim não o fosse, ainda leríamos aqueles "tijolos" de textos, enormes. Nesse sentido, cabe um agradecimento especial ao cartunista Jacson Luis Soares, pelas imagens por ele desenhadas que, por sinal, ficaram ótimas, em todos os sentidos. Nosso jornal foi "salvo" por suas mãos. A equipe do 3X4 e o professor Wladimir Ungaretti agradecem!

## Todos somos viciados

A escolha do tema até que foi fácil. Sem paixões arrebatadoras, opiniões incontestáveis, nem discussões acirradas. E essas últimas, talvez, tenham nos faltado principalmente depois da votação em que a não-grande-nem-pequena maioria venceu sem muito entusiasmo. Definir um assunto realmente não é difícil. Conceituá-lo, delimitá-lo e decidir como lidar com ele pode ser um tanto complicado, ainda mais em se tratando de uma questão, digamos, delicada.

Desde sempre, ouve-se falar em vício como algo negativo, muitas vezes desprezível e até vulgar. Poucas vezes, no entanto, admite-se que ele está em todos nós, de uma ou de outra forma, intrínseco a nossa condição humana, a nossa realidade existencial como homens. Súditos de um novo século que já chegou, e que reiterou e intensificou a ocorrência de um comportamento que é sintoma de uma dependência da qual a maioria de nós sofre. Resignação, conformismo, acomodação. Tudo mais ou menos, meia boca, de qualquer jeito.

Superar esse vício, que a grande maioria das pessoas possui sem saber, foi uma tarefa difícil para cada um de nós ao longo da produção deste 3x4. Mas, o inevitável aconteceu: em alguns momentos, ele foi mais forte. Agora, encontra-se aqui, estampado e evidente. Prova de sua existência velada, porém, ao mesmo tempo, indício de que não é invencível. A aptidão e o esforço compensaram as adversidades decorrentes de sua presença, impedindo que ele comprometesse a total qualidade do nosso trabalho. A cura desse vício talvez ainda esteja longe de ser alcançada, mas um grande passo foi dado. Justamente ao lado de alguém que pode e quer nos ajudar: abrindo nossos olhos, escancarando nossa aparente apatia. O sinal de que podemos de fato superá-lo pode ser dado em breve, só depende de nós.

*Comissão Editorial*

## Uma conjuntura cinzenta

A maior dificuldade como professor, que coordena a edição do jornal 3x4 e da revista Sextante, tem sido a mobilização dos alunos, em grande parte em função de estes estarem na reta final do curso. Sempre acreditei que o recuo destas atividades em um ou dois semestres na estrutura resolveria o problema.

Depois de alguns anos reivindicando esta alteração, a reforma curricular permitiu este recuo. Qual não é a minha surpresa ao verificar, no andamento dos encontros, que esta dificuldade estava, mais uma vez, presente. E de forma muito acentuada. Realizamos um 2009/1 cinzento. Na relação de troca que se estabelece entre alunos e professor, não me foi permitido - ou por alguma razão não fui capaz - de quebrar a "normal" indiferença sempre manifestada em turmas anteriores.

Reconheço que fui descuidado em alguns aspectos. Talvez, marcado pela prática da repetição, característica básica do mundo acadêmico, não coloquei em evidência algumas questões. Dando como certo alguns aspectos essenciais do processo de construção do jornal. Assumo, por exemplo, o fato de que não destaquei a importância da produção de imagens. O jornal está pobre sob este ponto de vista e a culpa não é dos alunos, embora a estas alturas do curso ninguém devesse se descuidar deste aspecto. Assim como, também reconheço que fui "negligente" na exigência que sempre faço - marcante em edições anteriores, quanto à entrevista central. Outras dificuldades estão bem assinaladas no editorial da turma.

No entanto, nesse panorama cinzento, marcado pelo clima de desmobilização, no qual estou me incluindo, o resultado final acabou não sendo dos piores. Pelo contrário, pode ser tomado como resultante do que foi possível dentro de uma conjuntura extremamente confusa, nas mais diversas instâncias.

Gradativamente estamos perdendo de vista a importância das atividades coletivas, orientadas pelas práticas da discussão e do fazer.

Tem faltado o combustível da paixão e da fraternidade.

*Prof. Wladimir Ungaretti*

## Equipe

Amanda Jansson Breitsameter, Ana Cláudia Costa dos Santos, Clarissa Londero, Cristiano Muniz, Cristina Tworkowski, Daisy Lopes, Fabiane Bulawski, Gabriel Jacobsen, Guilherme Rocha, Guilherme Reolon de Oliveira, Jaqueline Crestani, Laura Gertz, Luciane Costa, Marcio Telles da Silveira, Mariana Benevit, Mariana Silva Sirena, Rodolfo Mohr, Samanta Klein



*Tive que repensar minha vida aos 22 anos.* Não foi uma decisão racional e muito menos programada. Diria que foi de uma das piores maneiras: olhei ao redor e vi que me encontrava no fundo do poço. Ao olhar para cima, pensava que não iria retornar ao mundo.

A depressão havia adentrado o meu corpo. E agora, seis meses depois, posso dizer que alguns dos motivos que me levaram a ela foram os vícios. Eles chegaram de mansinho, nem percebi que haviam entrado na minha vida. Nem sei precisar quando começaram. Era uma pessoa tranquila. Faculdade, amigos, namorado, família. Metas bem traçadas.

### Vício, como definir um?

Descobri o vício em uma pessoa. Simplesmente, ela era mais importante do que eu na minha vida. Não conseguia me imaginar sem ela. Era preferível a morte a admitir que eu não era mais necessária na vida dela. O espaço que ela ocupava era tanto, que meus dias, minhas horas se baseavam em suas decisões. Mudava meus planos se ela resolvesse me ver. Abandonaria qualquer atividade para vê-la. No início, acredito que ela gostava disso. Não percebia o que eu estava fazendo. Com o passar do tempo, quando eu não aceitava mais negativas, ela começou a fugir. Sorte minha. Foi essa a gota d'água. O fundo estava perto.

Nessa época, acabei viciada no Orkut. Trocava a companhia de amigos reais para passar horas na frente da tela. Comecei a participar ativamente de comunidades. A principal delas era uma de animais. Não passava um dia sem acompanhar histórias tristes e felizes em toda parte do Brasil. Era um troço maluco. Ajudava em rifas, me preocupava mesmo com cães e gatos de estranhos. Me sentia acolhida, dentro de uma família.

Meus valores haviam mudado. As cadeiras da faculdade foram abandonadas uma a uma. Cada vez mais, inventava desculpas para não sair de casa. Quando visitava a família, tinha um ar distante. Amigos mais próximos sabiam que algo estava acontecendo, mas sem perceber ao certo o que era. Até porque eu estava muito fechada.

Depois veio o vício na dor, no sofrer. A primeira agressão física que cometi foi com um martelo. Bati e bati no dedo mindinho. Queria quebrá-lo. Meu plano era ir sozinha pro HPS. Queria um machucado de verdade, para justificar a dor na alma. Por capricho do destino, nunca suportei a dor. Desisti do plano. Mas depois disso comecei a me bater. Tapas, puxões de cabelo. Acompanhando tudo isso, o choro compulsivo. Já não tinha vergonha de chorar em público. Era um choro alto, sentido, doído. O vício consistia em procurar situações que me machucassem, fizessem sofrer mesmo.

Foi uma semana do cão. Ali minha sanidade desmoronou. O fim foi em uma noite em que trabalhei. Me diverti, mas quando cheguei em casa estava dominada por um vazio profundo. Extremamente angustiante. Liguei. O telefone foi desligado na minha cara. Segui insistindo, falei com uma amiga. Nessa hora já estava transtornada.

Ao olhar pela janela do meu quarto, sentia ela me puxando. Cheguei a sentar no parapeito. Foi aí que comecei a gritar. Uma mistura de choro e histeria. Corri pelo apartamento e sentei no chão. Apenas falava: "Não quero ter medo de mim". A ajuda chegou, mas só me acalmei quando coloquei uma toalha em cima da cabeça. Foi assim que dormi.

De manhã cedo fui procurar ajuda, uma amiga foi comigo. Ao sugerirem uma consulta com o psiquiatra no Hospital Espírita, nem cogitava a ideia de ser internada. Meu plano era ir trabalhar naquela tarde. Ao ler no prontuário "Depressão Grave", pensei: "Que exagero. Isso tudo é só uma tristeza leve, foi só uma noite ruim". Mas, não. Teria que ficar internada. Bati o pé, chorei, até que aceitei.

A aceitação durou pouco. Pude ficar somente com minha escova de dente e um pacote de bolacha. Ao entrar na ala a que fui designada, percebi que estava trancada. Já não era livre. Não sei escolher as palavras – nem sei se há – para descrever o choque ao perceber o inferno em que me metia. A recepção foi por um jovem que queria minhas bolachas. A enfermeira o afastou de mim. O quarto não era dos piores. No entanto, isso pouco importava. O sentimento de solidão e a sensação de fragilidade eram demais para mim.

Quando perguntavam o porquê de estar lá, não sabia explicar. Contava fatos, mas não sabia como classificá-los. Minha acompanhante de quarto era uma viciada em crack. Quinze anos de vício, oito de pedra. No fim, acabei conversando com os companheiros de internação. Depressão, drogas e bipolaridade eram a maioria. Os mais "loucos" ficavam nos leitos do início do corredor. Lotavam a sala da televisão. O meu era o último.

O fundo do poço era cinza. O medo de adentrar a total loucura era real. Não sabia como aguentar aquele confinamento onde, para cada lágrima, queriam te dar um novo remédio. A convivência também era complicada. A loucura coletiva é difícil de aturar.

Amanheceu. E eu estava muito, muito sonolenta. Ao esperar a minha mãe na sala, dormia escorada na mesa. Minha primeira frase quando a vi: "Mãe, aqui é todo mundo louco". Resposta do amigo que a acompanhava: "Tá, e tu tá como agora?". Aquilo mexeu comigo. Queria ir embora dali o mais rápido possível. A burocracia da saída sem a alta médica é complicada. Prometi seguir o tratamento. Era melhor engolir alguns remédios do que encarar aquele lugar.

Passei dez dias com a família. O efeito dos três remédios era forte. Sede, sono, picos de atividade. Na volta, estava com medo de encarar o mundo. O sumiço não foi difícil de explicar. Já andava ausente. Claro, no trabalho sabiam de tudo. Deram uma baita força, e consegui manter o emprego.

Aos poucos fui recuperando quem eu era. Os remédios, abandonei em janeiro. A terapia segue. Por sinal, escrever essas palavras só é possível através dela. Assim enxerguei a verdade. Não tenho coragem para falar que saí definitivamente do poço. Prefiro ter o cuidado de falar que ainda estou escalando. De repente, até saio dele às vezes, mas volto para o início para lembrar o perigo que é cair lá dentro.

Termino aqui. Eu, 23 anos, fui viciada em não me amar.

*\*O relato é verdadeiro. O nome da autora foi preservado.*

# Escolha o seu Vício

**06** Jogo  
**Dostoiévski e o vício dos panos verdes**

**16** Trabalho  
**Parar de trabalhar? Nunca!**

**07** Merda  
**Você gosta? Do perfume de bosta?**

**18** Ecstasy  
**Puro Ecstasy!**

**08** Sexo  
**Fazer sexo para perpetuar ou perpetuar para fazer sexo?**

**20** Crack  
**Nossas ruas são feitas de pedra**

**10** Amor  
**Meu vício é você**

**28** LSD  
**Abrindo as portas da percepção**

**12** Exercícios físicos  
**Nada menos que a perfeição**

**05** Artigo  
**Uma palavra leprosa**

**14** Chocolate  
**Doidos por chocolate**

**24** Entrevista  
**Luís Coronel**

**15** Política  
**Os vícios do poder**

**30** Opinião  
**Todo vício pretende ser um "tapa-buraco"**

## Seções

# Uma palavra leprosa

Mariana Benevit (marybenevit@gmail.com)

**E**le usa os mais variados disfarces – conforme os modos, a moda, as conveniências. Se presos a apenas uma definição, vamos encontrar a palavra isolada no dicionário da seguinte forma:

**vício** *sm.* 1. Defeito grave que torna uma pessoa ou coisa inadequada para certos fins ou funções. 2. Inclinação para o mal. 3. Conduta ou costume nocivo ou condenável.

O que consta no verbete é só a sombra de um termo que segue trocando de roupa conforme as épocas passam.

Aristóteles chegou à constatação de que o vício está nas bordas. Só pode existir virtude no centro, na justa medida de todas as coisas. Decisão que cabe a cada um, é intransferível. Nem excesso, nem falta. Se não está no meio, não é correto. Sem cartilhas de bons modos, apenas o “decida o que achar melhor”. A palavra mágica se fazendo tímida, escapando pelos buracos da livre escolha. Vício? Só tem quem quer.

Mas a confiança na capacidade individual não dura muito. Com o domínio da Igreja Católica, e com o Deus cristão no centro de todas as regras de conduta, essa medida, que partia de cada pessoa, se transforma em ditadura da culpa. Sem mais questionamentos. “Deus quis assim”.

O tempo livre, tão importante para a cultura greco-romana de outra época, abriria as portas do inferno para qualquer um no mundo cristão. “Mente vazia, oficina do diabo” – tempo livre à disposição é vício. Pecado do ócio, filho da acídia ou preguiça, um dos sete pecados capitais apontados pelo frade São Tomás de Aquino, já no século III.

Vício e pecado viram sinônimos, pagos com algo pior do que a morte: o fogo do inferno ou as fogueiras construídas pelo homem. Ou ambos. Trocando de nome, dessa vez a palavra se esconde nos olhos e na boca do acusador. Vira símbolo de penitência e medo.

Ainda na busca das definições, alguns encontram formas mais palpáveis de delimitar a palavrinha. Em 1760, o médico suíço Simon André Tissot, na busca das práticas que ameaçavam a saúde humana, descobriu o que se acreditava ser a causa de inúmeras doenças e até mesmo mortes: o vício da masturbação, constando também em seu estudo a perigosa prática solitária da leitura.

O médico então se torna o perfeito juiz para definir quais são os pedaços podres da sociedade. Os detentores da Ciência ganham o poder de denunciar, e aos ignorantes resta apenas acatar ordens. Sem mais questionamentos. A Razão quis assim.

Até mesmo Freud chegou a teorizar sobre a prática do onanismo. Em uma carta escrita em 1897, o chamou de “vício primário”, a causa de hábitos compulsivos como fumar ou cheirar cocaína, que surgiam apenas como substituição do impulso original. Quer dizer, coloque-se um parêntese nessa definição: ao falar do próprio vício, um charuto era apenas um charuto. Para o pai da psicanálise, viciados são os outros.

Aliás, viciados sempre são os outros. Os alcoólatras, drogados, marginais. Os que vivem na imundície ou que perderam o controle faz muito tempo. E eu não me encaixo nessa descrição. O que faço, faço por mero capricho – não coloquem aquela palavra suja no meio, porque eu sou “de família”.

**O vício só ganha poder na boca de quem acusa. Vira algema, arma, grilhão. O viciado carrega – para quem aponta o dedo – todos os pecados e males do mundo. É uma doença infecciosa, ninguém quer encostar.**

Na prática científica, conforme passam os anos, alteram-se os significados. A definição é volátil, e a memória é curta. A multidão, que nas décadas anteriores fazia fila no cinema para assistir aquele ator portando seu cigarro com *glamour*, hoje exige mais espaços livres da influência da nicotina e de toda aquela fumaça. Viciado? Eu não.

O vício só ganha poder na boca de quem acusa. Vira algema, arma, grilhão. O viciado carrega – para quem aponta o dedo – todos os pecados e males do mundo. É uma doença infecciosa, ninguém quer encostar. Ou melhor, ninguém quer essa acusação endereçada a si. A despeito de todas as coisas das quais eu dependo, viciado é sempre o outro. O vizinho *anormal*, o morador de rua, o marginal.

Dois mil e tantos, século XXI. Aqui se abre um novo capítulo. Do politicamente correto, do sorriso cínico, da realidade que desmancha no ar. O desenho industrial nos brindou com o descartável, com o que é para ser consumido agora. Só agora, amanhã vai estar podre. O gozo só existe agora.

Espremeram tanto o vício que ele respingou por todos os lados. E sempre pedindo mais. O que

couber, der pra pagar, funcionar por agora. Ele cabe num pote, passa através dos fios de TV, se propaga nas ondas de rádio. Está no cheiro, na imagem, no gosto, no som. E vende. Vende como água.

O vício em si se torna descartável. Usou, cansou, dá pra trocar. Sempre tem uma coisa mais atraente por aí. Ou mais pesada. Ao gosto do freguês, já que o cliente sempre tem razão.

Mas, para vender tem que ser inofensivo, ou ao menos parecer. Ninguém quer colocar um monstro dentro de casa. Quando se torna comercializável, a palavra é o primeiro obstáculo. E não dá pra colocar esse tipo de etiqueta grudado na mercadoria. É feio, não rende um bom *merchandising*. Tem de ser algo fofinho, que agrade todo mundo. Dá até pra pensar em riscar aquela palavra leprosa do dicionário, que tal? Ninguém vai querer ser acusado disso. É um estigma, uma cruz. Quem pode, se afasta. Pelo medo de ser contaminado, de descobrir-se parte integrante da coisa toda.

Esse é o ponto de chegada. O vício numa prateleira. A linha de montagem gerou muito mais além da praticidade na produção. Se Freud estiver certo, o gozo não se camufla mais só no pó, no álcool ou no tabaco. Sim, eles ainda estão em voga, mas tendo como concorrentes o uso frenético dos cartões magnéticos, as telas iluminadas, os instrumentos de culto ao corpo.

Por alguns segundos, dá pra fingir que se é feliz. Ele chega, e a gente deixa o cérebro se divertindo com endorfinas, dopaminas e outras *inas*. Mas depois que passa, tem que ter mais. Nessa relação, quem manda é o objeto, a gente só aperta o cinto e espera o prazer vir – ou às vezes, nem isso. Não é triste perder o controle? Nem pensar. Tristeza é coisa pra gente esquisita, doente. Não é normal, ainda mais quando tem tanto remédio por aí.

Ainda assim, sempre tem alguma coisa faltando – uma peça que não dá pra achar. Aquele cachorro magro olhando para picanha no meu prato. O que está errado? Que intruso do contra é esse que se mete nos meus pensamentos e vira tudo do avesso?

E isso são horas de se ter crise existencial?

Antes da *deprê* bater, dá pra disfarçar, virar para o outro lado, e (felizmente) Opa! Logo ali tem uma telinha, uma luz piscante pra chamar a atenção, um corpo sarado ou coisa que o valha. Logo ali tem outra ilha, cheia de muitas *inas*. Na Era em que tudo vira mercadoria, a palavra mágica trocou de vez de identidade. Está no exílio, ao menos enquanto mandarem os patrocinadores. ■



## Dostoiévski e o vício dos panos verdes

Cristina Tworowski (cristina.twor@gmail.com)

*A cidade fictícia de Roletemburgo, na Alemanha, é um lugar procurado por muitas famílias por se tratar de uma estação de águas termais. A cidade conta, também, com um ambiente de cassinos, ao qual algumas pessoas recorrem em busca de fortuna, embora acabem encontrando, muitas vezes, sua própria desgraça.*

Alexei Ivanovich é um jovem preceptor que trabalha para um general cuja família vive em um hotel da cidade. Sabe-se que Alexei conheceu tal família ainda na Rússia e por isso tem certa proximidade com Paulina Alexandrovna, enteada do general. O jovem nutre grande amor pela moça que, por sua vez, aprecia desprezá-lo. Uma tarde, Paulina pede a Alexei que vá jogar por ela na roleta, sem antes deixar claro que necessita urgentemente de certa quantia. Apesar do estranho pedido, Ivanovich aceita jogar, pela primeira vez na vida, em um cassino. Inicia-se aqui sua obsessão pelo jogo.

A partir daí, Alexei torna-se um assíduo frequentador dos cassinos locais, criando métodos e cálculos para fazer fortuna na roleta. O prazer de quebrar a banca é um sentimento único para ele, que passa a querer ganhar sempre, para que todos os que o desde-nharam até então passem a cortejá-lo – nem que seja só enquanto durar seu dinheiro.

Em certo momento, Alexei descobre que o general havia contraído uma imensa dívida, e sua salvação financeira seria tomar posse da herança da avó, a Babuschka, que todos julgavam estar com os dias contados. O plano parece correr bem até que surge em Roletemburgo a avó doente, vinda de São Petersburgo. Solicitando a companhia de Alexei Ivanovich, a Babuschka resolve conhecer o cassino próximo ao hotel e se rende à sedução das roletas. Diante dos olhares aterrorizados dos pretendentes à sua riqueza, a velha senhora gasta propositadamente toda a sua fortuna nos jogos, impedindo assim que o general

quitasse sua dívida e, além disso, se casasse com Mademoiselle Blanche, uma mulher de passado duvidoso.

Após a perda do dinheiro da Babuschka, as fraquezas mentais de todas as personagens da trama entram em erupção, originando as mais drásticas modificações na história, a começar pelo general, que morre de loucura.

No início, Alexei se preocupa em jogar com certa reserva e algum senso de responsabilidade, evitando riscos desnecessários sempre que possível – principalmente quando joga a pedido de Paulina. É claro que isso não dura muito tempo, pois o jogador logo perde o bom senso. Alexei passa momentos delirantes junto à roleta, de modo que não percebe que pode, a qualquer momento, ir para casa tendo perdido absolutamente tudo. A audácia passa a controlar o jogador até que ele cai em desgraça, não apenas por conta de seu vício, mas também pelo desprezo de sua amada.

O episódio ocorre numa noite em que Paulina deixa claro que precisa desesperadamente de dinheiro e ele, obcecado com a ideia de poder viver junto dela, não perde tempo: num impulso inexplicável, Ivanovich vai ao cassino e, em menos de uma hora, quebra a banca tal como sempre desejara, ganhando uma fortuna incalculável. Apesar das boas intenções de Alexei, Paulina rejeita o dinheiro e foge para o desconhecido com Mister Astley, amigo de Ivanovich. Psicologicamente rendido, Alexei sente-se perdido e aceita, sem preocupação, gastar toda a sua fortuna com Mademoiselle Blanche.

Alexei parece não se dar conta da degradação que o atingiu, não só financeira mas também espiritual, provavelmente por causa de seu orgulho, que o impede de enxergar sua ruína, mas não é suficiente para fazê-lo se reerguer – parece não haver mais salvação para o jogador.

Anos mais tarde, após ter estado preso, Ivanovich encontra Mister Astley

na Alemanha, que afirma vir a pedido de Paulina. Este revela o amor que Alexandrovna sentia por Alexei, afirmando que o faz sem quaisquer receios por ter a certeza de estar diante de um homem acabado. Astley oferece a Ivanovich uma pequena quantia que lhe permite viajar até à Suíça, onde ele se encontra com Paulina. A história do jogador termina com um conflito interior de Alexei, indeciso entre apostar aquela quantia na roleta ou correr de imediato para os braços de Alexandrovna.

O francês Louis Blanc, fundador do jogo da roleta organizado, foi, em determinado momento, proibido de explorar seus cassinos em Paris. Ambicionou, então, a Alemanha, onde montou famosas casas de jogos em quatro cidades – e foi a partir daí que começou o vício coletivo. Com seu prestígio, manteve suas casas de jogos abertas até 1868, quando uma lei federal proibiu sua atuação em todo território alemão.

Os russos tornaram-se frequentadores assíduos dessas cidades, de onde saíam desmoralizados e com os bolsos vazios. Dentre eles, Fiódor Dostoiévski se deixou fascinar pelos panos verdes.

Em 1866, já atravessando a sua fase de maturidade literária, o romancista russo publicou *O Jogador*, uma de suas obras mais lidas, na qual depositou, tal como em grande parte dos seus outros livros, as suas traumatizantes experiências de vida. Não é segredo que Dostoiévski foi, durante muito tempo, um jogador compulsivo. No livro, ele exprime com muita profundidade psicológica como é a vida de um jogador: viver do jogo, gastando tudo despreocupadamente para, logo adiante, voltar a jogar. O texto se apresenta como a confissão de um jogador russo num ambiente onde todas as relações são monetarizadas e onde a busca da fortuna na mesa do jogo determina as escolhas dos indivíduos.

Atormentado por toda sua vida pela epilepsia e outras questões interiores, desde jovem Dostoiévski preocupa-se com questões materiais. Sua tendência para o jogo já era antiga, pois passou a juventude jogando dominó e bilhar, sempre em busca de lucros.

Já escritor reconhecido, vivia sempre em meio a dívidas. Assim, o autor resolve partir da Rússia e migra para a Europa Ocidental, deixando para trás sua mulher louca e tísica. Leva com ele um adiantamento por seus próximos romances. Viaja por países como França, Inglaterra, Itália, Suíça e Alemanha. Deslumbra-se com as jogatinas. Ingênuo ainda, joga e ganha bastante dinheiro. Mas o vício o persegue por aproximadamente dez anos, entre resultados favoráveis e extremamente desfavoráveis nos cassinos.

Dostoiévski escreveu *O Jogador* em menos de um mês, para pagar uma dívida. Caso não entregasse o romance, perderia o direito às suas obras para seu credor. Contratou, então, uma secretária e ditou o romance para ela. Quando terminou, não conseguiu encontrar seu credor e, pensando que tinha sumido propositadamente para que ele perdesse o prazo, foi até uma delegacia e entregou ao delegado o romance registrado, confirmando, assim, que a obra estava pronta na data acertada. ■



# Você gosta? Do perfume da bosta?

Gabriel Jacobsen (gabrieljacobsen@gmail.com)

*Lourenço é viciado no cheiro do ralo. É viciado no cheiro da merda. Viciado no odor de bosta que seu banheiro exala. Bosta entupida nos canos – um problema no cifão. Por sinal, não só o seu banheiro, mas todo o seu escritório fede a merda. Ali Lourenço recebe seus clientes.*

Um a um, eles trocam a sala de espera pelo escritório fétido, buscando um comprador para o objeto que trouxeram. Lourenço compra ou se recusa a comprar todo tipo de coisa, da mesma forma que compra ou se recusa a comprar todo o tipo de gente.

Ele é viciado no cheiro das próprias fezes em decomposição. E é viciado na bunda de uma garçonete. (Que se diga, ele não quer somente ter com a bunda, quer comprar aquela bunda, como compra tudo o que lhe interessa).

Uma de suas clientes assíduas é viciada – pela sua segura e trejeitos estereotipados, supõe-se que seja na droga da *pedra*, a do momento por aqui. É uma jovem magra demais, feia como o demônio. Cliente assídua assim troca tudo o que puder por dinheiro.

Sua noiva (ou ex-noiva) é viciada em Lourenço. Ama demais a ponto de cogitar matá-lo, afinal de contas *os convites já tão na gráfica! Mesmo que você não me ame, a gente vai se casar, a gente vai! Eu aceito tudo!* Enquanto

isso o segurança de seu escritório, um homem branco que somente veste vermelho, faz o trabalho sujo do submundo em que Lourenço está metido.

Creio que inerente aos vícios são os momentos de ampla lucidez. Antes, durante ou depois. E Lourenço não foge à regra, sabe que *de tanto inalar merda, meu cérebro se confundiu. Eu preciso quebrar o banheirinho! É a porra do cheiro! É isso que tá me deixando cansado! Amanhã vou cimentar.* E Lourenço cimenta mesmo. Mas leigo que é na arte da merda, acaba recorrendo aos profissionais, encanadores, e lhes explica logo que *esses canos todos parecem ser apenas um lugar para onde a água e os dejetos vão. Mas não são, não. Esses buracos são outra coisa: são portais. São os portais do Inferno. É por aí que eles ficam observando a gente.*

Agora, meses depois da minha primeira imersão no Cheiro do Ralo, já não consigo desfrutar dos demais odores sem que o cheiro me venha à mente, me entupa as narinas... Porque o cheiro me dá poder. Cheirado eu engaveto tudo naturalmente, rio alto e a pena é um sentimento que passa longe de mim. Facilmente – lançando mão da ironia – elimino objetos e pessoas que me surgem... enfim, *eu não me importo com ninguém. Só não quero que eles pensem que o cheiro do ralo é meu.* ■

- Isso aqui cheira a merda.
- Não, é do ralo ali.
- Não é, não!
- É, é do ralo.
- O cheiro vem de você!
- Não, não, amigo. Eu tô com um problema no banheirinho aqui, ó... é do ralo.
- E quem usa esse banheiro?
- Eu.
- Quem mais?
- Só eu.
- Entao? De onde vem o cheiro?

Filme: O Cheiro do Ralo  
Tempo de Duração: 100 minutos  
Ano: 2006  
Site Oficial: <http://www.ocheirodoralo.com.br>  
Direção: Heitor Dhalia  
Garçonete: Paula Brown  
Viciada: Sílvia Lourenço  
Lourenço: Selton Mello  
Noiva: Fabiana Guglielmetti  
Segurança: Lourenço Mutarelli

# Fazer sexo para perpetuar ou perpetuar para fazer sexo?

Clarissa Londero (clarissalondero@gmail.com)

Se alguém defende que tamanho não é documento, esse alguém está totalmente enganado. Quando se idealiza, se idealiza grande. Ou enorme. Pelo menos quando se fala em idealizações sexuais de uma *sexshop*. Para cores, texturas e formatos, aí sim, quanto mais diversidade, melhor. Mas o tamanho varia, no máximo, entre grande, enorme e XXL. Isso porque o tamanho físico está associado ao tamanho (psicológico) do prazer. É o que se percebe no instante em que se entra em uma *sexshop*: paredes repletas de réplicas avantajadas de genitálias masculinas. Em outras prateleiras, alguns objetos em formatos de bundas, peitos e afins – igualmente valorizados. Entrei na loja e a atendente veio perguntar se eu precisava de alguma ajuda.

Liguei antes, para evitar certas surpresas. O dono do lugar ficou de má vontade, mas acabou concordando em marcar um dia para que eu fosse lá conversar. Nove e meia da noite de uma quinta-feira, cheguei e dei de cara com dois seguranças. Eu disse que tinha marcado de conversar com o proprietário. Eles tinham sido avisados e me deixaram passar. O lugar era como uma boate comum, com exceção dos sugestivos quadros nas paredes. O movimento era fraco, talvez pelo horário. Duas mulheres muito bonitas e impecavelmente arrumadas conversavam no balcão do bar. Eu me dirigia até elas quando alguém me segurou. Me virei. Era um homem de meia-idade, rugas marcadas na testa e olhos grandes. Ele se apresentou: era o dono do lugar. Decerto pelo meu “olhar de primeira vez” estampado no rosto, ele me reconheceu de cara. Fomos para uma sala reservada.

Em pleno centro de Porto Alegre, letreiros em neon bem ao estilo bordel anos 80 anunciavam aos interessados: “locadora erótica fulana de tal”. Entrei e um cliente pagava ao atendente do caixa. “Pode subir”, falou o funcionário e deu o troco. O homem passou por mim antes de subir as escadas e evitou a todo custo me olhar. Na loja, tinham mais dois homens: beiravam os 50 anos e vestiam roupas escuras e surradas. Um deles me espiava pela fresta entre um DVD e outro. O homem ao lado dele deu as costas para mim no momento em que eu entrei no lugar. Fui falar com o atendente – jovem, musculoso e de boa aparência. Ele me olhou, surpreso – pelo visto eu não me

enquadrava no perfil frequentador da loja. Expliquei que estava fazendo uma matéria, mas ele receava em conversar comigo – disse que primavam pela discrição. Foi, então, consultar o proprietário do local, para ver se ele concordava em conversar. Enquanto isso, o homem que escolhia um filme ainda me olhava pela fresta. O atendente da loja voltou e disse que eu podia passar na sala mais ao fundo, onde o dono me esperava. Era um homem baixo, perto dos seus 40 anos, óculos no rosto, roupas simples e jeito também. Me apresentei, disse meu nome. Ele só concordou com a cabeça.

Esses lugares têm o sexo em comum. Ou melhor, a procura pelo sexo. Também em nenhum desses lugares as pessoas envolvidas quiseram se identificar. “Não coloca meu nome, nem o nome daqui. Pode colocar no máximo um nome falso”, disse o dono da locadora, que também oferece outros serviços, como boate e cabines para assistir aos filmes. Marcelo, como vou me referir a ele a partir de agora, diz que sempre foi muito discreto em relação ao seu trabalho. A família sabe da loja, mas ele não deixa os filhos se envolverem. “Não é pecado, não é feio, mas eu sei que não é todo mundo que encara o sexo de maneira natural. Ainda tem muito tabu”, explica. Já o proprietário da casa noturna, Paulo (nome também fictício), diz que há muito preconceito em relação ao sexo. Para ele, “gostar demais de sexo é considerado perversão pela sociedade. Sexo por prazer ainda é tido como pecado”.

Sexo na nossa sociedade é tabu. Mas também pode ser vício. A psicóloga e sexóloga Rafaela Couto sabe muito bem disso. Muitos de seus pacientes a procuram por ter uma (aparentemente) inexplicável compulsão por sexo. Muitos deles são levados ao consultório por seus parceiros, que reclamam que o ato é muito frequente e rápido demais. O viciado busca apenas o prazer próprio, não se preocupando em satisfazer o parceiro. A maioria dos viciados em sexo são homens, e é a frustração de suas parceiras que faz com que eles cheguem ao consultório. Isso porque só procuram tratamento em situações extremas, quando sofrem por serem filmados transando, passam por algum tipo de violência sexual, física ou roubo.

“O vício é uma tentativa de preencher um vazio psíquico. Significa um agir angustiado, repetitivo, que resulta em uma espécie de

anestesia da dor. O problema é afetivo e não sexual”, explica a sexóloga. Segundo ela, é considerada viciada a pessoa que não consegue controlar seus impulsos e chega a perder a liberdade por isso, já que se torna escrava da sua vontade. Além do sexo com o parceiro, o viciado busca pessoas estranhas para transar, porque o objetivo é o contato físico e não o envolvimento afetivo. O vício está no momento em que, terminado o ato, a pessoa precisa buscar novamente esse contato com outro. Depois da relação sexual, ele volta a ficar ansioso e volta a querer sexo, até mesmo com pessoas estranhas. “É nesse momento que ele pode sofrer violência, abusos e roubos”, explica.

O compulsivo por sexo é dificilmente identificado sem que seja conhecido em sua intimidade. Muitos deles satisfazem o seu vício sem que as outras pessoas percebam. Eles conseguem alívio sexual até mesmo em lugares públicos, como transportes coletivos e elevadores, se esfregando nas pessoas. Quando buscam o ato sexual de verdade, eles frequentam saunas, boates e locais de prostituição, “porque lá podem encontrar pessoas dispostas a fazer sexo fácil”, relata Rafaela. E é aí que entra um dos mercados mais lucrativos no mundo: o mercado do sexo e da pornografia.

## Minha fortuna por um orgasmo

Marcelo abriu a locadora há 16 anos e, para ele, foi uma surpresa o quão lucrativo o negócio se mostrou. Ele conta que tem clientes que chegam a locar 50 filmes por mês. Nas sextas-feiras, alguns pegam oito DVDs para o fim de semana. Os outros serviços da loja têm clientes que os frequentam há mais de 10 anos, pelo menos três vezes por semana. Paulo começou no ramo há menos tempo, cerca de 5 anos: “Comecei porque meu tio era dono de um puteiro, e ele era o mais rico da família”. Na sua casa noturna tem clientes que vão toda a semana, “ou sempre que têm dinheiro”. Uma das meninas da boate – vou me referir a ela como Ana –, fala que “a maioria das pessoas que frequenta a casa é viciada em sexo, que vem sempre que pode. E tem mulher em casa, com quem transa todos os dias. Então ele nunca vai ter sexo suficiente, ele nunca vai ficar satisfeito”. Já Maria (nome fictício para a dona da *Sexshop*) diz que o lucro não é muito grande, porque a concorrência diluiu muito os clientes.

Mas ela conta que tem gente que vai toda a semana ver as novidades: “Tem muito casal que vai junto e compra as maiores sacanagens da loja”, conta rindo.

O mercado do sexo e da pornografia é gigantesco e crescente. Com um mundo mais livre de limitações, as pessoas se sentem mais à vontade de procurar formas de satisfazer suas vontades sexuais. O site *adultfriendfinder.com* é um exemplo dessa busca. Nessa página virtual, os usuários ligam a webcam para o mundo todo ver. Quem entra no site pode buscar o perfil de uma pessoa (homem, até 25 anos, brasileiro, por exemplo), e escolher alguém para ficar vendo. Tem usuários do mundo todo com a câmera ligada – a maioria se masturbando ou mostrando as partes íntimas. No momento em que eu entrei no site, uma segunda-feira por volta das 11h, 112.004 pessoas estavam online, e 1.635 tinham a câmera ligada, sendo que, destes, 1.410 eram homens. A página tinha 32.050.123 pessoas cadastradas. E esses números se referem a apenas um site de pornografia, dos milhares que existem na internet.

Mas o que diferencia um viciado de uma pessoa que busca sexo e pornografia apenas para satisfazer uma fantasia? Para Marcelo, a linha divisória é a quantidade. “Tudo em excesso é patologia, tem uma luzinha vermelha piscando”, aponta ele. Maria diz que o viciado faz porque precisa, não porque gosta. “Além disso, para o compulsivo, tudo é fálico. É como uma visão de raio X, o viciado vê sexo em tudo”, explica ela. Para Paulo, a vida de um compulsivo gira em torno do sexo: “Ele não consegue ver felicidade em outra área que não seja o sexo, que se torna o único objetivo de vida”.

Rafaela Couto diz que o sexo se torna uma compulsão porque a pessoa não obtém o prazer que busca, apenas consegue um alívio. “Quando essa sensação de alívio passa, ela precisa buscar por sexo novamente”, explica a psicóloga. Marcelo, o dono da locadora, diz que essa impossibilidade de atingir o prazer que se idealiza acontece também com seus clientes. Para ele, as pessoas fantasiam com os filmes, porque a pornografia passa uma imagem de que tudo é prazer e maravilhoso. “Mas não é bem assim, por trás das câmeras é tudo uma encenação. É aí que está a ligação com o vício: as pessoas ficam obcecadas por essa fantasia de cúmulo de prazer que é mostrado, e vão em busca disso. Obviamente não acham e daí vão em busca de mais para ver se conseguem atingir o prazer máximo dos filmes. Essa constante busca as torna viciadas e, ao mesmo tempo, frustradas”, defende ele.

## A realidade por trás da fantasia

Nada é por acaso, todo o ser humano tem um histórico para justificar seus atos. Um vício só é vício porque a pessoa precisou dessa bengala para conseguir conviver com certas carências. E com os compulsivos por sexo essa realidade não seria diferente. “Violência, iniciação sexual ruim, etc. O

sexo constante mascara certos traumas”, diz Marcelo. A compulsão pode ser – e normalmente é – acompanhada por sintomas de ansiedade e depressão. Isso porque o vício esconde diversos problemas psicológicos que precisam de tratamento e acompanhamento de um profissional.

E os traumas podem ter consequências ruins não só para quem sofre deles, mas também para quem está ao redor. “A compulsão sexual pode levar uma pessoa ao estupro, ou seja, a obrigar outra a fazer sexo. Alguns desenvolvem parafilias, como a pedofilia, quando têm prazer fazendo sexo com crianças”, explica a sexóloga Rafaela Couto. Para ela, embora o pedófilo tenha consciência de que está fazendo algo errado, pois faz escondido, ele se sente criança também, o que ameniza o ato na sua consciência.

Apesar da seriedade de casos como esses, o viciado evita o tratamento porque o sexo é um dos maiores tabus da nossa sociedade e ainda é tratado como pecado. Segundo a sexóloga, ele quer ficar livre das consequências de seus atos, mas não quer mudar a forma de agir. A sexóloga afirma que o vício em sexo é como qualquer outro vício, como drogas e jogo e, por isso, tem tratamento semelhante: “é uma pessoa dependente, e o objetivo é fortalecer o paciente para que ele se torne independente e faça escolhas”.

*Sexshop*, locadora, casa noturna. Não importa em que ramo do mercado erótico, foi difícil encontrar alguém que quisesse falar. Os clientes das lojas e casas noturnas evitaram qualquer tipo de identificação como o diabo evita a cruz. Por isso, ficou claro que sexo pode ser vício, mas, acima de tudo, ainda é tabu. E, por isso, o preconceito e a vergonha que rodeiam o desejo sexual tornam o vício mais difícil de ser tratado. Em uma sociedade religiosa e cheia de pudores, ninguém quer assumir que precisa do contato carnal do sexo.

Diferentemente do crack, da cocaína e de outras drogas, que são vícios modernos, o desejo por sexo existe desde que o mundo é mundo. Afinal, a profissão mais antiga é a da prostituta. Mas, ao invés de evoluir na mesma rapidez que a sociedade, a aceitação em relação sexo parece rastejar. Esse preconceito parece que ficou parado no tempo. “Muitos segmentos da sociedade preferem fechar os olhos frente a problemas relacionados ao sexo, porque sexo é feio”, explica Marcelo. Mas eles estão aí: na internet, nas ruas e dentro “das melhores famílias”. Para que distúrbios sexuais sejam tratados, primeiramente o sexo teria de ser encarado como algo natural, e a sexualidade, esclarecida. O constrangimento que uma pessoa sente ao alugar um DVD pornô em uma locadora comum tem a mesma raiz que a vergonha de outra em aceitar que tem compulsão por sexo e procurar tratamento. Afinal, quem quer ser taxado de tarado ou perverso? ■





# “MEU VICIO É VOCE”

*Para as mulheres que amam demais, amar equivale a sofrer*

Fabiane Maldaner Bulawski (fabimaldaner@gmail.com)

Amanda Jansson Breitsameter (mandajb@gmail.com)

*Viciadas em pessoas. Viciadas em relacionamentos. Viciadas em amor. São assim as mulheres que amam demais. Elas doam-se demais, protegem demais, cuidam demais, dedicam-se demais, controlam demais. E fazem tudo na expectativa de que assim manterão por perto a pessoa amada. Por fim, sofrem demais.*

Amar demais não significa amar a muitos homens. Não significa, também, amar seguidamente uma pessoa após a outra. Amar demais é quando amor se traduz por sofrimento, quando se fica obcecado por uma pessoa, quando o relacionamento não satisfaz mais, mas não se consegue abandonar a relação.

Elas querem ter a pessoa amada por perto. Sempre. Colocam a outra pessoa como única prioridade em sua vida. Afastam-se de amigos e familiares. Colocam em risco o seu bem-estar e até sua saúde e segurança. Sofrem com a saudade, o ciúme, a angústia de não receber um telefonema, a ansiedade de ficar com ele, a dor de não o ter por perto.

## **Mulheres diferentes, mas com um mesmo sofrimento**

Como diz a própria definição, elas amam muito. Só que esse amar “demais” é diferente do amor romântico das telas do cinema, das novelas ou da literatura. É um amor sofrido. “Amar demais é, na verdade, amar errado”, define I.M., 20 anos. “Quando se ama demais, é tudo demais, só se pensa na outra pessoa, a vida para por causa do outro. Quando eu não estou com ele, eu tenho uma sensação de vazio”, conta. Para A.B.P., 63 anos, é o amor que dirige a vida de uma mulher que ama demais. “A gente deita pensando, sonha pensando, acorda pensando, faz tudo pensando naquele amor.”

Mulheres diferentes, com idades diferentes, profissões diferentes, histórias diferentes, mas um mesmo sofrimento: a dependência de um relacionamento. As mulheres que amam em demasia não conseguem se controlar diante do seu vício. “Eu sei o que é certo e o que é errado. Eu

vejo que estou fazendo errado, mas não consigo mudar”, afirma I.M., que telefona várias vezes por dia para o namorado.

Cada uma dessas mulheres apresenta características diferentes de um mesmo problema. Algumas são excessivamente ciumentas, outras controladoras e outras se tornam violentas. Ao mesmo tempo em que agem obsessivamente, essas mulheres também se utilizam de vários artifícios para garantir que a pessoa amada fique ao seu lado. A.B.P. conta que fazia sexo também com o intuito de conquistar o parceiro. E fazia mais que isso. “São várias coisas para agradar: comprar roupa, fazer isso, dar aquilo”, confessa.

## **É comum as dependentes de amor adquirirem novos vícios**

A mulher que ama demais tem dificuldade de romper com o relacionamento, ainda que essa relação a faça sofrer, e muito. Semelhante à crise de abstinência do toxicômano, a mulher que ama demais sofre com a ausência da pessoa que ama. Apesar de admitir que o seu atual relacionamento seja terrível, A.B.P. sente que ainda precisa dele. “Quando eu não o tenho por perto eu me sinto muito mal, eu quero me matar, eu estou sempre chorando. É sempre assim, sem ele eu estou sempre de mal com a vida”, diz.

Tais mulheres, na angústia de ter a pessoa, muitas vezes se expõem a situações que comprometem seu bem-estar, sua saúde e segurança física. Ao sofrer com a falta da pessoa amada, é frequente essas dependentes de amor passarem a ter novos vícios, como comida, sexo ou drogas químicas. É o caso de A.B.P. que, na tentativa de conter a obsessão por seu companheiro, passou a fumar e beber.

## **Muitas são dependentes de uma relação não sexual**

A maioria das histórias das mulheres que amam demais se refere a namorados, maridos ou ho-

mens inacessíveis por quem se apaixonam. Muitas, no entanto, também são dependentes de uma relação não sexual, como amigos, filhos ou pais.

Algumas mulheres, mesmo mantendo um relacionamento saudável com seu companheiro, tornam-se obsessivas por uma pessoa. É o caso de J., 58 anos, que sente dependência de uma amizade que começou em sua infância. Há dois anos, entretanto, J. e sua amiga discutiram por um mal-entendido. Nessa briga, J. conta que sofreu uma agressão física. Mesmo com a violência, ela confessa que não consegue se desligar da relação. “Apesar de ter sido agredida eu tenho vontade de continuar com a amizade, porque eu sou impotente diante da droga, e essa ‘droga’, para mim, é ela”, diz.

## **Experiências vividas podem ter relação com o vício**

Uma característica muito comum entre essas mulheres é ter tido, no passado, problemas familiares. Mulheres que cresceram em um lar onde as suas necessidades emocionais não foram satisfeitas. “Meu pai morreu antes de eu nascer. Com menos de um ano minha mãe me entregou para minha tia. Com cinco anos, fui tirada dela. Eu fui perdendo as coisas. Tenho medo de a pessoa fugir de mim. Eu era pequena e já amava todo mundo”, conta A.B.P.

M., 50 anos, por sua vez, teve nos seus relacionamentos o reflexo da relação de seus pais. “É difícil imaginar um relacionamento saudável porque eu mesma nunca tive, e também não vi na minha família”, diz.

É possível que as situações vividas na infância tenham correspondência com as relações doentias vividas por essas mulheres. Com a auto-estima baixa, elas seguidamente tendem a arcar com as falhas dos relacionamentos. Filha de alcoólatra, J. diz que se questionava sobre os seus erros diante da relação que fracassou. “Depois da briga, a minha amiga parou de falar comigo e isso me trouxe muito sofrimento. Eu ficava me

perguntando o que eu tinha feito para ela, quando na verdade era ela que tinha feito para mim", afirma.

## Admitir a seriedade do problema é fundamental para o início da recuperação

Uma das maiores dificuldades que essas mulheres enfrentam é a falta de reconhecimento da gravidade da situação. "Eu sofro demais, mas as pessoas não entendem", afirma A.B.P. No entanto, mais grave que o desconhecimento por parte de outras pessoas, talvez seja o não reconhecimento da doença por parte da própria pessoa, já que é muito comum que elas não considerem seu amor exagerado. Admitir a seriedade do problema é o passo fundamental para o início da recuperação. Reconhecer que precisa de ajuda, geralmente está associado a um longo período

de sofrimento. "Quando eu procurei ajuda eu já estava esgotada com toda a situação", diz I.M.

M. descobriu o problema em um momento extremo. "O fundo do poço foi um dia quando eu fui à casa do homem com quem eu me relacionava há cinco anos e, naquele dia, ele me bate e tentou me asfixiar. Ele é uma pessoa bem maior que eu e, assim, conseguiu me segurar. Ali eu vi que eu poderia ter morrido, por pouco eu não morri. Foi questão de segundos, e eu consegui que ele me largasse. Naquele dia eu percebi que eu tinha uma doença muito séria, que poderia ter me levado à morte", conta.

## "Meu vício é você! Meu cigarro é você!"

Amar demais: um vício, uma doença, um sofrimento. A diferença, neste caso, é que a depen-

dência não é por uma substância química, por uma comida ou por uma atividade. É por uma pessoa. Por diversas pessoas. Por filhos, amigos, namorados, maridos, pais, irmãos. O que é certo, para essas mulheres, é que existe alguém que dirige e determina suas emoções.

Ao se sentir abandonada pela pessoa amada, a mulher que ama demais passa a apresentar sintomas físicos e psicológicos semelhantes ao abandono do uso da droga química, como batimento cardíaco acelerado, insônia, depressão e ataques de ansiedade. Entretanto, ainda que perceba que o relacionamento está sendo destrutivo para si mesma, essa mulher persiste na relação. É como diz, na voz de Alcione, a música *Meu Vício é Você*, lembrada por uma destas mulheres enquanto tentava se descrever: "*Meu vício é você! Meu cigarro é você! Eu te bebo, eu te fumo. Meu erro maior, eu aceito, eu assumo: por mais que eu não queira, eu só quero você*". ■

## MADA – Mulheres Que Amam Demais Anônimas

Na sala dois dos fundos das dependências da Sede da Cruz Vermelha, em Porto Alegre, todos os domingos um grupo de mulheres se encontra para, juntas, discutirem seus problemas. Poderia ser apenas mais uma reunião entre amigas no fim de semana, não fosse o problema em comum que as une: um vício. O Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA) é um grupo criado por mulheres que perceberam em si mesmas o vício em relacionamentos destrutivos e em pessoas problemáticas.

O grupo da Sede da Cruz Vermelha é o primeiro dos dois MADAs gaúchos, e foi criado em 18 de junho de 2000. Na primeira reunião, ele contava com apenas cinco participantes. Atualmente, há uma média de dez pessoas por encontro. Reunindo-se logo ao lado da sala onde estão sediados os Alcoólicos Anônimos (AA), que congrega homens em sua maioria, as mulheres da sala dois deram à sua reunião um toque mais delicado: toalhas bordadas e vasos de flores adornam o local. Mas o MADA possui com o AA muito mais semelhanças que diferenças. Foi deste grupo que as Mulheres que Amam Demais Anônimas herdaram seus doze passos e doze tradições: assim como o AA, em que é preciso primeiramente aceitar o vício em relação ao álcool, o primeiro passo para uma mada - como se autodenominam - iniciar o tratamento

da doença de amar demais é "admitir a impotência perante os relacionamentos e a perda do controle sobre a vida".

Também semelhante aos Alcoólicos Anônimos, no MADA não se fala em cura, mas em recuperação. Não há no grupo um profissional que trabalhe com distúrbios, vícios ou terapias de casais, nem há psicólogos ou psiquiatras. Toda a ajuda de que precisa, a mada obtém com as outras colegas. A recuperação é feita através de "espelhos" e não de conselhos. No MADA, uma participante não podem dar consulta emocional a outra presente, apenas explicar o que deu certo para si própria. Uma mada, ao contar como superou certas dificuldades, incentiva outras a se empenharem em sua recuperação. "No grupo, uma é terapeuta da outra", afirma M.

Ao admitir que possui uma doença, a mada também reconhece que pode cometer uma falha, tal como um alcoólatra em recuperação, por isso a importância de frequentar as reuniões. Sem vigilância constante, a mada poderia retomar suas velhas maneiras de pensar e se relacionar. Falando dos avanços que teve, mesmo que pequenos, uma mada ajuda outra a se recuperar e consegue manter, também, a própria recuperação.

A.B.P., há dois anos no MADA, conta que se sente confortável no grupo, já que compartilha das mesmas dores e barreiras das outras mulheres: "Ali é o meu lugar. Ao ouvir os outros depoimentos, a minha dor ameniza. Mas sei que a ferida está ali. A qualquer hora ela pode voltar a doer". A mada comemora também os avanços, que parecem pequenos, mas que significam muito para ela. "Eu não acompanho mais ele até a casa dele, não sigo mais ele no trabalho dele", celebra.

Após nove anos no grupo, M., uma das fundadoras da sede em Porto Alegre, aprendeu a não se concentrar unicamente em uma pessoa. "No MADA, depois de muito tempo, eu percebi que eu não posso terceirizar o meu amor. Primeiro eu tenho que aprender a gostar de mim, não adianta querer que outra pessoa goste. A gente aprende a olhar para a nossa vida, ver o que temos que trabalhar e evoluir profissionalmente, evoluir em outros relacionamentos, ficar com os familiares que abandonamos em função da doença. Hoje eu estou 'me namorando'. Quanto mais eu olhar para mim e arrumar a minha casa, mais chance eu tenho de encontrar um homem com a casa arrumada. Mas se eu não encontrar outra pessoa para me relacionar, eu tenho que saber cuidar da minha casa, do meu filho, dos meus amigos", explica. ■

## E os homens?

Não são somente as mulheres que amam demais. Homens também apresentam esse comportamento, provenientes das mesmas dores e experiências. Entretanto, segundo a psicóloga Fernanda Césa, o preconceito em torno da figura do homem, de que ele precisa ser sempre forte e seguro ou, ao menos, não se tornar exageradamente sensível ou sentimental, não permite aos homens que amam demais congregarem-se em terapia de grupo.

Na tentativa de não expor a sua fragilidade emocional, a opção masculina parece ser a terapia em consultório. A psicóloga conta que já atendeu mais homens que mulheres com o problema: "As mulheres têm muito mais facilidade de conversar sobre suas fragilidades. Já os homens acabam não se juntando, não conversando entre eles mesmos, e procurando a terapia individual". ■

## Mulheres que Amam Demais Anônimas

O MADA, as Mulheres que Amam Demais Anônimas, é um grupo criado com base no livro "Mulheres que Amam Demais", de 1985, da autora Robin Norwood. No Brasil, o primeiro grupo surgiu há 15 anos em São Paulo. Atualmente há 43 MADAs no país, dois deles localizados em Porto Alegre.

### Grupo MADA INDEPENDÊNCIA

Rua Independência, 993 – Independência – Porto Alegre  
(Sede da Cruz Vermelha) – sala 02 fundos  
Reunião: Domingo das 18h30 às 20h30  
E-mail: madaindependencia.poars@mail.com

### Grupo MADA GLÓRIA

Rua Dona Luíza Rocco, 75 – Bairro Glória – Porto Alegre  
(Casa Espírita "A Nossa Casa")  
Reunião: Quarta-feira das 18h30 às 20h  
E-mail: mada\_gloria@pop.com.br

# Nada menos que a perfeição

A fixação no Body Building

Laura Gertz (laura.gertz@yahoo.com.br)

Fisiculturismo é o esporte de cultivar o corpo buscando a melhor formação muscular. Por meses, os atletas se preparam para uma competição em que a simetria, proporção, volume e definição são as características de escolha do vencedor. Como todo esporte, exige dedicação, esforço e sacrifícios, mas quem define os limites?

“Eu faria o que fosse preciso. O cara fica tão focado, tão fissurado, que larga tudo. Deixa de sair, de viver, tudo”. Foi assim que Marcel, professor de educação física e fisiculturista, começou seu depoimento, contando como foi seu treinamento para o campeonato gaúcho de fisiculturismo e descrevendo o que ele próprio define como vício.

No dia 29 de Agosto de 2008, Marcel sobe no palco pra cumprir a meta a que se propôs e a qual tinha dedicado cada dia do último ano. Pesando 70kg e com 1m70 de altura, ele alcançara o físico que

tanto buscava. Quem o visse naquele momento, exibindo os músculos nas poses e coreografia ensaiadas, forte e disposto a conquistar o título, jamais imaginaria o caminho difícil que teve de traçar.

## Uma semana antes

A competição era na sexta-feira, às 20h, no cinema da Sogipa. Ele iria competir na categoria até 70kg, mas a menos de sete dias ainda pesava 73kg. Por mais que seguisse a rigorosa dieta, nas últimas semanas o corpo não correspondia mais. O colega que o orientava no treinamento o avisou: “Vamos ter que desidratar!”.

Começou tomando três litros de água naquele dia, quatro litros no dia seguinte, cinco litros no próximo, seis litros no outro, mais seis litros na quarta-feira e, então, sete litros na quinta-feira. Às 18h, quando tomou o último copo de água, estava mais inchado que nunca e pesando 75kg e meio. Então, começou a ingerir um medicamento diurético. O corpo foi induzido a processar muito líquido e, mesmo após parar de recebê-lo, continuou a eliminá-lo no mesmo ritmo. Marcel colocou o relógio para despertar às 3h da manhã para usar o banheiro e se pesar e, como haviam lhe dito, pesava exatos 70kg.

*“Sabe quando um idoso sai da cama do hospital tremendo? Assim eu acordei de manhã. Mas estava muito aliviado.”*

A competição era tudo que importava. Era um objetivo fixo, um desafio que havia proposto para si mesmo. Toda a sua rotina, atividades e toda a sua vida passavam a girar em torno de se preparar e atingir seu máximo. Para alcançar este objetivo, era necessário não somente treino e dedicação, mas abdicar de tudo aquilo que o tirasse do foco.

“Eu era o cara mais anti-social da faculdade. Não podia ir a festas, não podia ir aos churrascos da turma, futebol. Nada. Nada que me tirasse da minha dieta, me desgastasse, ou me estressasse, senão eu colocaria tudo a perder”. Marcel explicou que o horário rígido das refeições e a dieta regulada o impediam de continuar com quase todas as atividades sociais. As atividades aeróbicas também estavam cortadas, para não gastar calorias não contabilizadas. Portanto, nada de correr, nadar, jogar futebol. Sair para beber, ou qualquer coisa que o tirasse da rotina de noites bem dormidas, também estava vetado.

*“A minha namorada da época quase não aguentou, porque eu estava tão obcecado que ela estava sempre em segundo plano. Ela sabia que eu a largaria se precisasse.”*

Apesar de as pessoas pensarem que o treino físico é o principal, o maior esforço não está na musculação, já que uma única hora de exercícios por dia pode ser suficiente. O que define e realmente testa os limites do competidor é a DIETA.

## Quatro meses antes

Inicia-se o *Pre-Contest*, fase de preparação para a competição. Neste momento, a dieta é muito controlada, com as calorias exatas para definir a musculatura, uma vez que Marcel estava pesando 85kg e pretende competir na categoria até 70kg.

Quatro filés de frango grelhados e cerca 300 gramas de batata cozida por refeição, esta é a dieta de treino nos quatro meses que antecedem o campeonato, incluindo porções de saladas duas vezes ao dia e bebidas pouco calóricas. E com um detalhe a mais: são seis refeições por dia, a cada 3 horas. São em torno de 2kg de batatas e 1kg de frango por dia.

*"Essa foi a pior parte. Nos últimos meses eu não conseguia pensar em comer que me dava um pânico. Eu sentava na mesa e começava a chorar."*

Somente uma vez por semana o treino possibilita sair da dieta, mas o que será feito com este dia fica na consciência e no corpo do atleta, pois os resultados são imediatos. "Um final de semana eu fui comer num Sushi, comi normalmente, mas mesmo assim engordei 3kg! É que o corpo interpreta a dieta regulada como se fosse tempo de escassez, então qualquer caloria extra ele armazena", explica.

A proteína do frango constitui as fibras musculares, permitindo o crescimento. A batata, na medida exata, ajuda a controlar o índice glicêmico, mantido sempre no limite para consumir a gordura do corpo e não acumular reservas, mas também não consumir a massa muscular. Esse é um cálculo difícil, exige muito cuidado nos horários e quantidades, podendo ser muito perigoso pelo risco de hipoglicemia. "Eu andava sempre com um chocolate na mochila, porque quando estava na rua e atrasava a hora de comer me dava tontura, ficava fraco. Tive hipoglicemia duas vezes, então fiquei com medo de ter um treco de repente". No último mês foi preciso evitar sair de casa porque uma caminhada a mais podia lhe fazer mal. Nos últimos dois dias, em que só comeu frango, evitava até sair do sofá, sendo o único treino o ensaio da coreografia de poses.

*"Eu sei que é loucura, e dava vontade de desistir, mas quando tu vê os resultados e o teu corpo respondendo, tu te empolga e continua."*

Marcel se formaria na faculdade em julho, pouco antes da competição. Isto lhe trouxe um problema, pois teria de fazer o trabalho de conclusão de curso durante a fase crítica do treinamento. Sua orientadora passou a dizer-lhe para largar o fisiculturismo ou não se formaria. Ele perguntou qual era a nota mínima necessária para ser aprovado e ela lhe disse que era cinco, então ele respondeu que era esta nota que iria tirar. "Eu pensei em trancar o semestre porque não conseguia me concentrar no TCC. Consegui passar com nota cinco, mas teria largado, sim", confessa.

## Um ano antes:

Comer a cada três horas e comer de tudo. Em setembro de 2007, Marcel iniciou o período de *Off Season*, cujo objetivo é ganhar a massa que servirá de matéria para os músculos a serem definidos na fase seguinte. Não importa se o ganho

for de massa magra ou gordura, este é o momento de ficar o maior possível. "Quem não conhece o treinamento acha que é bom comer assim, mas é muito ruim comer sem fome, porque precisa. Tu mal terminou de comer, nem digeriu e já ta na hora de comer de novo um prato cheio, refeição mesmo", lembra Marcel. Foram oito meses ganhando peso, 5kg ao todo, até que o corpo parou de aumentar. O corpo tem limites, e, mesmo quando se fornece energia extra, ele tende ao equilíbrio e à homeostase. É onde entra o papel das drogas anabolizantes.

Esteroides anabolizantes são o estímulo para que o corpo saia deste equilíbrio, que vá além de seus limites. São substâncias similares à testosterona, ou o próprio hormônio, que aumentam o metabolismo do corpo e ajudam a manter o máximo de massa magra. "Eu tenho uma opinião sobre anabolizantes. Sou totalmente contra o uso recreativo deles, como é feito por aí. É um uso inconsequente, sem medida e sem objetivo. Mas não sou contra o uso para competição, em um período específico e delimitado. Sei quais são os efeitos e consequências do uso. Para uma competição específica, não pra uso contínuo, eu sou a favor."

Além dos custos físicos, competir tem um alto custo financeiro. Com as horas na academia, alimentação, medicamentos e suplementos alimentares, os valores podem chegar a 10 mil reais por competição, isto considerando os amadores em *Body Building*, como era o caso de Marcel. É um investimento particular, podendo talvez receber apoio de alguma academia, mas não há patrocínio, pois ninguém quer investir em um atleta que competirá uma única vez ao ano.

## Na competição

Marcel atingiu seu objetivo, subiu ao palco e se consagrou fisiculturista. Ficou em segundo lugar na primeira disputa, realizada pela *International Federation of Bodybuilders* (Federação Internacional de Fisiculturistas) e também em segundo na disputa do dia seguinte da NABBA – Federação Brasileira de Musculação.

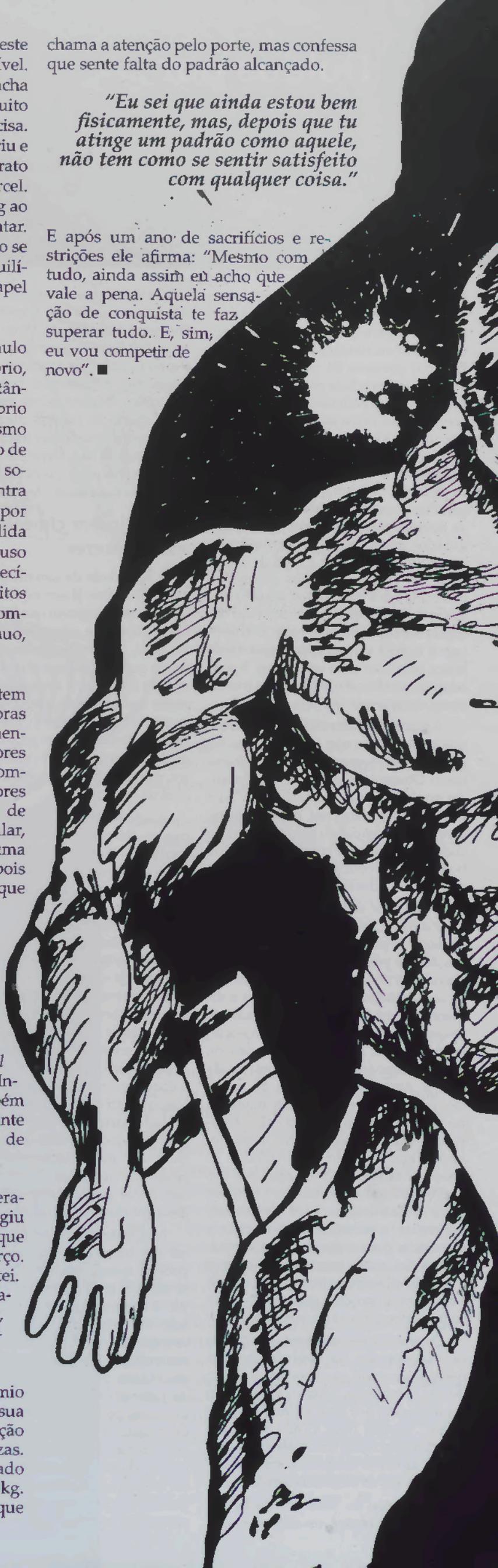
Só de subir no palco, ele já se considerava vencedor, porque se superou, atingiu o seu auge: "Essa é uma conquista que é minha, todo mérito é do meu esforço. Dinheiro não paga o que eu conquistei. Podem gastar quanto quiserem em academia, suplemento, bomba, o que for, mesmo assim, sem o esforço e sacrifício, não vão conseguir".

Após este momento de glória, o prêmio recebido foi uma medalha, atestando sua conquista, e uma noite de comemoração comendo a mais esperadas das pizzas. Em dez dias, Marcel havia engordado 10kg, recuperando seus iniciais 80kg. Hoje, ainda é um homem muito forte, que

chama a atenção pelo porte, mas confessa que sente falta do padrão alcançado.

*"Eu sei que ainda estou bem fisicamente, mas, depois que tu atinge um padrão como aquele, não tem como se sentir satisfeito com qualquer coisa."*

E após um ano de sacrifícios e restrições ele afirma: "Mesmo com tudo, ainda assim eu acho que vale a pena. Aquela sensação de conquista te faz superar tudo. E, sim, eu vou competir de novo". ■



# Doidos por Chocolate

Daisy Vivian Lopes (daisyvivian@ibest.com.br)

Há muito tempo é conhecido que o cigarro e as bebidas alcoólicas são uma alternativa para que muitas pessoas encontrem alívio das tensões do cotidiano. No final dos anos 80, pesquisadores já colocavam nesta lista os indivíduos que praticavam exercícios até a exaustão como o mais novo auxílio terapêutico para diminuir a sensação de ansiedade, que figura como a companheira inseparável do estresse, inimiga poderosa do coração, do bom humor e da saúde geral da população. Hoje já se sabe que as pessoas têm seus comportamentos guiados muito mais pela emoção do que pela razão, e que a fuga da ansiedade faz com que muitos encontrem nos compostos psicoativos, aqueles que agem diretamente no cérebro, a tão desejada sensação de plenitude. O chocolate é o mais novo protagonista desta busca pelo bem-estar emocional. E seus adeptos, os chocólatras, passam muitas vezes despercebidos pela sociedade.

A psicóloga Tecla Pinheiro esclarece que o chocólatra não é um viciado. "O que acontece é a pessoa ter TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo) e localizar no chocolate a compulsão dele", diz ela. Geralmente ansiosas, as pessoas que apresentam compulsão pelo consumo do chocolate podem devorar uma caixa de bombons em poucos minutos. Este é o sinal que denuncia o chocólatra.

O que pode ser considerado um vício é, na verdade, uma maneira de compensar alguma perda ou qualquer outra situação que provoque essa ansiedade. O chocolate é um alimento rico em um tipo de aminoácidos que contribui para o aumento de produção de serotonina, um neurotransmissor fabricado pelas células do cérebro. A sensação de saciedade no organismo é uma das funções que ela exerce. Após trinta minutos da ingestão, é possível perceber uma mudança no sistema nervoso, quando são observados sinais de relaxamento e melhora na disposição geral do indivíduo. O chocolate também traz energia, por isso é recomendado aos estudantes minutos antes de seus exames, para que possam aproveitar a sensação de bem-estar e disposição para a atividade intelectual. Com todas essas propriedades, começa a ficar difícil resistir à tentação de ingerir uma barra do produto quando ela se encontra a poucos centímetros da mão.

Os que são erroneamente chamados de viciados são, na verdade, pessoas que encontraram no chocolate o objeto de sua compulsão. "Nunca vi ninguém ser internado por estar viciado em chocolate", explica Tecla. O que ocorre é o indivíduo, privado da ingestão do chocolate, tornar-se ainda mais ansioso por não estar sob os efeitos da serotonina.

Em função de suas propriedades, a vontade de comer um chocolate não

é substituída pela ingestão de outro doce. Gerente da loja Kopenhagen do Shopping Moinhos de Vento há quatro anos, Taís Ernesto garante que há muito tempo já sabe que doces não trazem ao organismo os mesmos benefícios do chocolate. "Muitas vezes me sinto ansiosa, como se faltasse alguma coisa. Aí eu penso: vou comer um pudim, um quindim, mas não. O que eu quero mesmo é um chocolate", conclui. E confessa ainda não ter enjoado de chocolate.

## O desejo por chocolate nas mulheres

A fidelidade da gerente pelo consumo do chocolate já tem explicação científica. Estudos sugerem que mulheres são particularmente sensíveis à ingestão do produto, e isto pode estar relacionado com o período pré-menstrual, quando a mulher está sujeita a desequilíbrios químicos nos níveis de magnésio, mineral encontrado em grandes quantidades no cacau. É também neste período quando ocorre a diminuição do neurotransmissor, a serotonina, favorecendo as alterações de humor.

A loja Kopenhagen conta com uma equipe de mulheres vendedoras e o consumo de chocolate é liberado para as funcionárias, que não tem do que se queixar. Se a vontade aparecer, não precisa ser contida. O público, no entanto, não se restringe à maioria absoluta de mulheres. Taís chama a atenção para o fato de muitos consumidores estarem atentos aos componentes que estão estampados nas embalagens: "As pessoas querem saber se tem 70% de cacau, se tem glúten e açúcar. Chocolate que tem glúten é aquele que tem farinha em sua composição. As pessoas querem comer o chocolate, mas não querem engordar. Elas querem conhecer o valor nutritivo de cada barra", observa a gerente, que já percebeu o aumento do consumo de chocolate incentivado pelas recentes pesquisas que aparecem na televisão, nas quais se destacam os benefícios deste produto para a saúde do coração.

Mas, o chocólatra que busca compensar, a si mesmo por alguma perda, não poderia apenas estar seguindo o impulso da gula pura e simples? Estaria sempre o consumidor sob o efeito de uma ação arrebatadora e incontrolável capaz de jogá-lo a um consumo desenfreado e compulsivo? Para Taís, chocólatra não é um viciado, mas uma pessoa que usufrui do sabor do chocolate da mesma forma que outra pessoa aprecia um bom vinho ou charuto. A gerente lembra que muitas pessoas que tem por hábito o consumo do café cappuccino após o almoço procuram, na verdade, a ingestão diária de alguns gramas de chocolate, pois o cappuccino apresenta chocolate em sua composição.

"É tudo a mesma coisa, é como gastronomia. Tem gente que vem aqui e não se importa de pagar 12 reais por um bombom só para sentir o sabor. É um presente, um prazer que a pessoa se dá", diz a gerente, que não é a única a perceber essa faceta dos amantes do chocolate.

A endocrinologista Gisele Iglesias explica que pessoas que comem chocolate não são viciadas nele. A médica acredita que a maioria das pessoas que se intitulam chocólatras dependem, na verdade, do açúcar e elegem o chocolate como o alimento para garantir tal consumo. Além disso, uma pessoa que passa a infância ingerindo açúcares desenvolverá baixas concentrações de serotonina e possivelmente passará a desenvolver maior dependência do açúcar. O uso abusivo e contínuo traz desequilíbrios bioquímicos, entre eles uma maior liberação da insulina, o hormônio que aumenta o apetite. "Com isso, algumas pessoas vão digerir essa fome de açúcar no chocolate", explica Gisele.

A médica acredita que o fato de o chocolate aumentar as concentrações de serotonina no organismo faz com que muitos recorram ao alimento como uma compensação pela falta de prazer. "Passa pela psicologia que, em algumas fases da vida, a procura pelo chocolate se faz pela busca do afago, de um presente por uma perda, para preencher um vazio. Esta procura está bastante ligada à falta de carinho", explica a endocrinologista.

## O amigo do coração

Especialistas recomendam a ingestão de cerca de 30g diárias de chocolate amargo (com mais de 70% de cacau em sua composição) porque o alimento possui quantidades significativas de flavonoides, substâncias antioxidantes, presentes na semente de cacau, que agem como protetores cardiovasculares.

O chocolate também possui substâncias fenólicas encontradas no vinho tinto, chás frutas e alguns vegetais, podendo reduzir doenças coronárias e cardiovasculares. A grande surpresa é que o chocolate isento de açúcar não afeta a saúde dentária. Ele pode até mesmo reduzir alguns tipos de bactérias que causam halitose e cárie.

Rico em potássio, fósforo, magnésio, ferro e vitaminas do grupo B, pode servir como auxílio terapêutico na diminuição da fadiga muscular, já que repõe rapidamente estes compostos. Estudos realizados pela *Hull York Medical School* revelaram que pacientes que comeram chocolates com alto teor de cacau ficaram menos cansados se comparados ao grupo abstêmio.

E as pesquisas não param por aí. *The Journal of Neuroscience* publicou recentemente uma pesquisa que revela que a epicatequina, uma substância encontrada no cacau, pode, juntamente com exercícios físicos, estimular a memória. Isto, associado ao seu valor energético, justifica a recomendação por muitos professores de cursos preparatórios do chocolate como o fiel amigo dos estudantes durante as exaustivas provas de vestibular.

Atenta às mudanças do mercado, a Cacau Show e a Kopenhagen criaram pequenos tabletes de 30g de chocolate com 70% de cacau recomendado pelos cardiologistas. Eles reduzem a oxidação do LDL, o colesterol ruim, o que diminui

a deposição nas paredes dos vasos sanguíneos", afirma a nutricionista e coordenadora do Setor de Nutrição Preventiva do Coração do Hospital do Coração, em São Paulo, Cyntia Carla da Silva.

Mesmo diante dos benefícios, a nutricionista alerta para a necessidade de critério no consumo, pois além de calórico, certos chocolates possuem alto teor de gorduras. Esta recomendação vale também para os chocolates dietéticos, pois "apresentam apenas restrição de açúcar e, muitas vezes, a quantidade de gordura e calorias é maior do que no produto tradicional", destaca Cyntia.

## O prazer que satisfaz

Se os chocolates trazem alívio imediato para as tensões do cotidiano, a mesma sensação de bem-estar é encontrada nos fabricantes do produto. Apesar de não causarem dependência química em seus consumidores, os chocolates não têm ficado muito tempo nas prateleiras. Pesquisadores do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) mapearam o mercado de chocolate e constataram que Salvador é a capital onde mais se consome o produto. Acima da média nacional, que aponta 68% da população como consumidora do chocolate, a cidade possui a marca de 75%, seguida de São Paulo, Belo Horizonte e Fortaleza (todas com 72% de respostas positivas), Brasília (71%), Porto Alegre (70%). Abaixo da média brasileira estão o Rio de Janeiro (65%) e o interior das regiões Sul e Sudeste (64%).

As mulheres representam 55% dos consumidores de chocolate. De acordo com o Ibope, a classe C domina o consumo do produto no país, e 35% dos consumidores estão nas classes A e B, e o restante nas faixas D e E. O consumo do mercado mundial também tem crescido nos últimos anos e ultrapassa faixa de 80% de respostas positivas para o consumo de chocolate.

Chocólatras de todos os estados podem respirar aliviados. Tirar uma barrinha do bolso não traz os mesmos efeitos de um cigarro ou de bebida alcoólica embora não signifique, necessariamente, recuperar a felicidade perdida ou atender o desejo pela compulsão. Assídua frequentadora de casas de chocolate da capital, Denize Azevedo defende a paixão sexagenária pelo chocolate. "Meu cardiologista me proibiu chocolate porque estou muito acima do peso. Mas eu proíbo meu médico de me proibir um dos grandes prazeres que eu sempre tive na vida", sentencia a aposentada que encontrou no chocolate de cacau a 70% uma boa desculpa para continuar seu consumo diário.

Jane Pacheco, de 37 anos, até acredita que já tenha algum "vício" pela ingestão de chocolate, o que vem fazendo sistematicamente há quase quatro anos. "Antes eu tinha que tomar um café depois do almoço, até que descobri o chocolate quente. Eu sentia uma sensação boa, de tarefa concluída, sabe? Não sei explicar direito, mas talvez seja parte de um ritual que eu criei pra me sentir bem", lamenta a enfermeira que só parou com o chocolate quando soube da recente gravidez. "Mas só porque eu enjoou com qualquer coisa doce, se não estaria comendo uma barra inteira agora", brinca. ■

Senador dono de castelo avaliado em cinco milhões de reais não declarados no seu patrimônio, uso de passagens aéreas da Câmara Federal para turismo familiar, tráfico de influência entre as esferas do Executivo, figurões do Judiciário ligados a banqueiros, Comissão Parlamentar de Inquérito para lá e para cá. O arsenal de escândalos na política brasileira é interminável e já existe há, no mínimo, cinco séculos.

A primeira origem está na nossa própria formação colonial. O patrimonialismo é lugar comum no Legislativo e no Executivo em todos os níveis. Não é à toa, tida como "velha política" para uns, *realpolitik* para muitos.

Contemporaneamente, descobriu-se que a moda são os "caixas dois" de campanha. O caixa dois do caixa dois e por aí vai. A promíscua relação dos bancos, das empreiteiras e das empresas estrangeiras com os caciques tupiniquins foi escancarada. Cem mil para produção do programa de televisão do candidato é igual a uma licitação facilitada pelo governador. Duzentos mil para a campanha é igual às contas do filho pagas pela empreiteira.

No meio disso tudo um turbilhão de denúncias. O jornalismo investigativo em alta? A mídia não é inocente. *TrêsPorQuatro* conversou com o ex-deputado estadual, Chefe da Casa Civil do governo estadual de Olívio Dutra e, atualmente, assessor da Presidência do Tribunal de Justiça gaúcho, Flávio Koutzii.

Após um breve relato de sua biografia de militante contra as ditaduras militares no Brasil e na Argentina, seu começo no movimento estudantil na UFRGS em 1963, no Centro Acadêmico de Filosofia, sua história no Partido dos Trabalhadores, Koutzii elabora uma rica análise da situação política nacional, seus vícios, as decorrências destas mazelas e como elas acometeram o Partido dos Trabalhadores (PT).

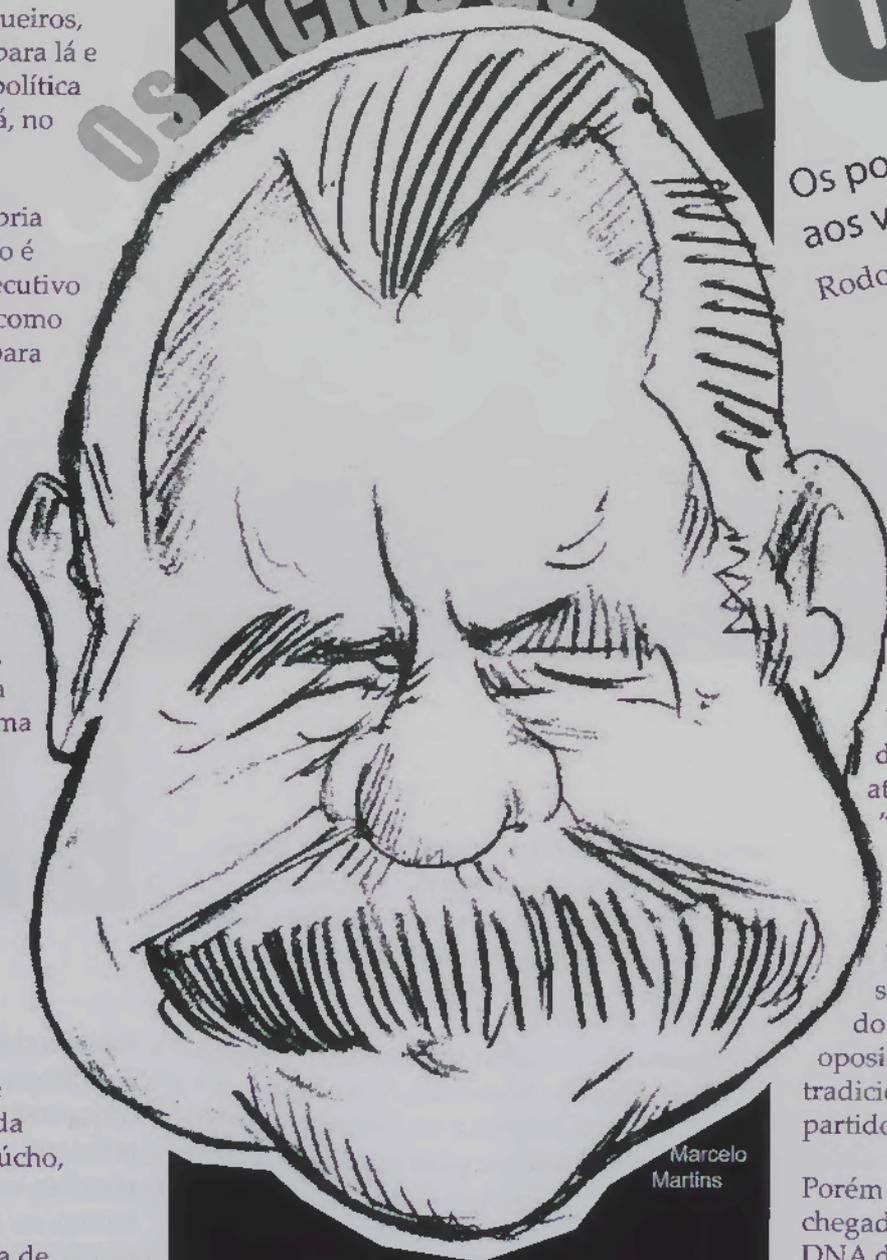
Para o ex-chefe da Casa Civil do Piratini, há uma nítida destruição da política, impulsionada pelos partidos e seus agentes, mas também pela mídia tradicional. Cita a revista *Veja*, o jornal *Folha de São Paulo* e as Organizações Globo como deformadores da política e seus sentidos. "Aproximam Lula de FHC nos acertos econômicos e o criticam pelo que têm de diferente. Querem mostrar que Lula só acerta para ressaltar as qualidades dos tucanos", exemplifica.

A própria forma do noticiário frente à reportagem é criticada por Koutzii: "A lógica do pensamento pós-moderno se reflete pela fragmentação do questionamento. Na mídia não se tem como desenvolver um raciocínio, contextualizar".

Esse efeito fragmentado leva à desqualificação e a simplificações, como quando se referiu nos adjetivos comumente atribuídos "desde às seis da manhã pelo Mendelski no rádio e pelo Barrionuevo na Página 10 [de Zero Hora]" ao

# Os vícios do PODER

Os políticos tradicionais se rendem aos vícios e aos privilégios do poder  
Rodolfo Mohr (rodolfo11@gmail.com)



Marcelo Martins

## “A RBS se tornou o partido central do Estado”

governo Olívio: “os que mandaram a Ford embora, que adoram carroças e defendem o retrocesso”. Condenou os ataques ao seu governo sofridos pela “vanguarda dirigida pelos ruralistas mais conservadores da Farsul, que lideravam os industriais modernos da Fiergs”.

De fato, era impossível não interpellá-lo sobre o momento em que esteve no centro do poder político do Estado, com uma oposição do empresariado local e da mídia tradicional no seu calcanhar. “A RBS se tornou o partido central do Estado”, observou.

Porém não se restringiu ao nosso pago. A chegada de Lula ao Planalto e a “mudança no DNA do PT” são fenômenos que não se nega a fazer. Koutzii se negou a disputar o quinto mandato a deputado estadual após o caso do mensalão. A crise do PT bateu forte à sua porta. Questionado se a reforma política pode resolver pelo menos parte dos problemas, não hesita: “Sou muito cético, acho difícil que uma reforma (política) reforme os partidos. Os partidos do campo progressista deveriam retornar a uma certa tonicidade que acho que está indo pelo ralo”.

Explica que parte dos problemas se dá justamente na “modificação do partido, que define como centro de elaboração política e, em segundo lugar, é esmagado pelo peso do Executivo. Por razões de solidariedade política com que ajudaste a chegar no governo, tu comesas desse lado da trincheira. De repente, o programa do partido é X e o do governo é X mais Y. Depois de um ponto, há uma reversão, e o programa do partido passa a ser X mais Y. A partir daí tu desarmas um sistema de referências. Sem sistema de referências não há um dos elementos embutidos, que é uma postura ética severa, que eu continuo achando que era certo e que é imprescindível. Tem uns que, entre nós mesmos, diziam que era um udenismo de esquerda. Udenismo de esquerda porra nenhuma. Tem que ter respeito a esses valores, e tanto isso é importante que, como a vida ensinou, era muito importante continuar rigoroso especialmente com o dinheiro público e seu uso. Essa foi a principal arma que a direita utilizou contra o governo Lula”. ■

## Eles não largam o osso

A política brasileira tem vários figurões, conhecidos pelo apego (ou seria vício?) ao poder. Pegamos dois deles. Um está na base ou dentro do governo federal desde Juscelino Kubitschek. O outro está na Câmara de Vereadores de Porto Alegre exercendo o décimo mandato.

### José Sarney (Partido do Movimento Democrático Brasileiro – AP)

Sarney é Presidente do Senado pela terceira vez. Foi eleito deputado federal pela primeira vez em 1958. Governou o Maranhão de 1966 a 1971. Está no quarto mandato de Senador e assumiu como Presidente da República após a morte de Tancredo Neves, de quem era vice. Foi filiado a UDN, a ARENA e ao PDS. É sócio do Sistema Mirante de Comunicações, que inclui jornais e concessões de rádio e televisão no Maranhão. É um dos articuladores fundamentais do governo Lula no Senado.

### João Antônio Diliberto (Partido Progressista – RS)

Começou pela ARENA, depois pelos seus sucessores, PDS, PPR, PPB e hoje o PP. Assumiu a vaga de vereador em 1971. Foi nomeado prefeito de Porto Alegre de 1983 a 1986 pela ditadura militar. Segundo o sítio *Transparência Brasil*, mais de 80% de seus projetos na legislatura anterior são de pouco ou nenhum impacto na vida da população.

# NUNCA!



Mariana Silva Sirena (marizinhasirena@gmail.com)

*Gestão de pessoas. Programação de cardápios. Revisão de material. Sorrir para os clientes.* O cotidiano de Içara Costa não cabe dentro das horas de um dia. Começando o trabalho de madrugada e terminando apenas à noite, a empresária de uma confeitaria fica em dúvida se considera o seu trabalho como um vício. “É mais cômodo dizer que não é um vício, mas se olhares por outro lado, quando não estou aqui, eu sinto falta da correria.”

O vício no trabalho tornou-se comum nas sociedades industriais. Quem nunca ouviu falar dos *workaholics*? O termo americano, que se popularizou também no Brasil, é uma derivação das palavras *work*, trabalho, e *alcoholic*, alcoólatra. Portanto, um *workaholic* seria a pessoa que tem uma espécie de relação de dependência com a atividade profissional.

Fadiga, estresse, dores musculares, insônia. Ou então realização e sensação de prazer absoluto nos momentos de trabalho. Sintomas de um vício que, ao contrário das outras dependências psíquicas, é até mesmo aprovado socialmente. A nova modalidade que vem sendo estudada, a dos *workalovers*, ou amantes do trabalho, aponta para outra faceta da situação do trabalho na contemporaneidade. Enquanto o *workaholic* se dedica ao trabalho por compulsão, o *workalover* o faz por prazer.

## Longas jornadas

A jornada de 14 horas de trabalho diárias, como a de Içara, não é algo tão incomum numa cultura industrial. Luciane Costa, filha da empresária, comenta a rotina agitada da mãe: “Normalmente quando eu acordo pra ir pra aula, a minha mãe já saiu para a confeitaria. Ela volta pra casa só depois das

nove horas da noite. Perto das 11, ela quase sempre telefona pra empresa pra saber como está o terceiro turno de trabalho. Isso sem contar as férias; ela sempre liga e quer resolver as coisas de longe”.

A paixão pelo trabalho transforma o relógio dos seus adeptos. Mas o dia comprido de Içara, que já chegou a ter 18 horas de trabalho, não é motivo para que ela seja triste na maior parte do tempo. Pelo contrário, o trabalho lhe traz uma satisfação que remonta a uma cultura passada de uma geração para outra. A história da família pobre do interior que conquistou uma vida confortável devido à dedicação ao trabalho pode parecer comum, mas o que algumas vezes fica oculta é a relação desse trabalho com a satisfação. Içara fala com orgulho de ter sido preparada para o trabalho em uma família de descendente de imigrantes italianos.

Segundo ela, a sua satisfação e a de sua família ligam-se diretamente com o trabalho na confeitaria, principalmente devido à realização de metas. As viagens pelo mundo, o curso superior, a vida que os filhos levam são decorrentes do trabalho e das gerações anteriores. “Quando nós começamos a ganhar dinheiro com a confeitaria, passamos a abrir o nosso mundo. Isso dá uma alegria além da conta, como se fosse uma fonte inesgotável de prazer, porque é através dela que os outros prazeres começam a vir também.”

Mas essa espécie de vício vai muito além das realizações materiais que ele pode proporcionar. Carla Santos, professora de música, trabalhou em seis atividades diferentes e simultâneas nos últimos dois anos e afirma não ter feito isso devido à remuneração: “O dinheiro nunca foi o principal. Se eu tivesse que fazer tudo de novo sem ganhar nada, eu faria”.

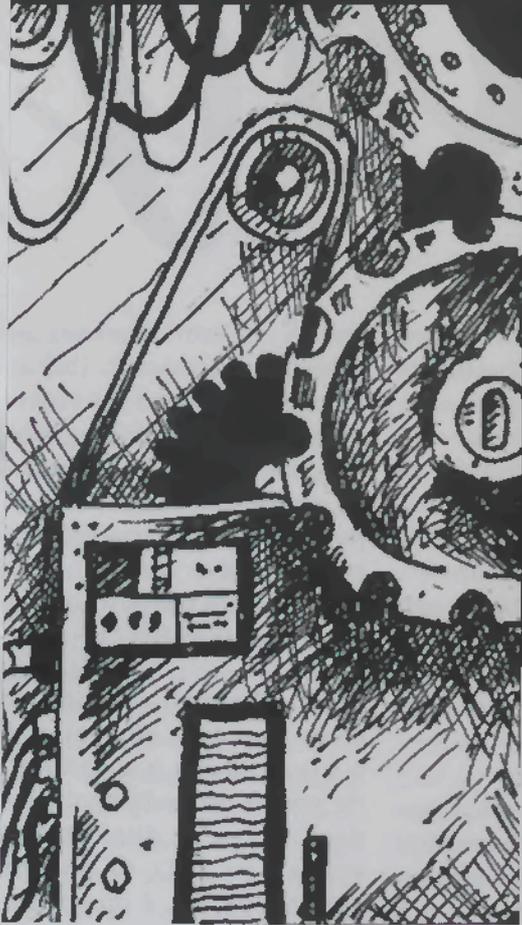
A soma das atividades de Carla, que incluíam a regência de um coral infantil e de uma orquestra de violões, aulas no instituto de música do seu estado, a Paraíba, e do estado vizinho, o Rio Grande do Norte, além de tarefas na Universidade Federal e em um projeto social, ocupavam mais da metade do seu dia. Acumulando esse tipo de trabalho temporário, e contando a dedicação ao mestrado, Carla chegou a uma jornada de até 15 horas.

E se ela não tivesse o seu trabalho? A resposta de Carla é firme: “Eu morreria”. Atualmente, a professora ocupa mais de oito horas do seu dia com os estudos de pós-graduação, e afirma que quando terminar o seu doutorado vai voltar a trabalhar na música com a mesma intensidade.

Içara também observa que a relação de satisfação com o seu negócio passa pelos ganhos materiais, mas também pelo seu prazer de trabalhar: “Não classificaria o meu trabalho como um vício. Prefiro encará-lo como mais uma forma de diversão e de promoção pessoal e social”.

## “Uma visita em casa”

As consequências do vício no trabalho não são sentidas apenas pelos profissionais. Muitas vezes, a constatação do vício inicia justamente pela mudança nas relações interpessoais. A estudante Bruna Macieira, por exemplo, afirma ter percebido que o seu trabalho estava se tornando um vício quando a família e os amigos começaram a



*Compulsão. Paixão. Fuga. O trabalho assume significados bem diferentes da simples transformação da natureza pela ação humana. Quando a relação subjetiva das pessoas com as suas atividades profissionais traduz-se em um vício? Em sociedades em que a pressão da competitividade e da produtividade impera, parece difícil responder. Ao que tudo indica, o trabalho distancia-se cada vez mais do sentido de tortura contido na sua origem etimológica.*

notar a sua ausência. Ela chegou a trabalhar até vinte horas por dia após a morte da avó e o aparecimento de um câncer na sua mãe. Segundo Bruna, o trabalho acabou se tornando uma fuga aos problemas familiares.

Esse tipo de vício pode abarcar alguns males à saúde. Içara comenta que às vezes tem herpes ou pega uma gripe forte, pois em períodos de maior trabalho a sua imunidade baixa. Mas a maior queixa refere-se ao tempo que ela deixa de estar com a sua família. A reclamação de que ela se tornou "uma visita em casa" acabou ficando corriqueira entre o marido e as filhas.

A ideia de resgatar no futuro os momentos que deixou de viver com a família traz um sorriso ao rosto da empresária. Porém, quando questionada sobre quando será esse futuro, o sorriso transforma-se em uma auto-crítica. "Há um tempo atrás eu dizia que ia me aposentar daqui a seis anos e morar na praia. Só que esses seis anos passaram e hoje eu não consigo me imaginar aposentada e parada, sem estar aqui dentro. Não consigo nem imaginar o meu negócio sem a minha presença."

Compulsão ou prazer? O certo, para Voltaire, é que "o trabalho poupa-nos de três grandes males: tédio, vício e necessidade". A frase parece perder o sentido para uma sociedade de *workaholics*, em que o próprio trabalho é o vício. A afirmação do escritor Aparício Torelly, o Barão de Itararé, talvez se encaixe melhor numa realidade como essa: "Quem inventou o trabalho não tinha o que fazer". ■

## Trabalho

Nos países de língua germânica, a origem vem do termo *arbeit*, vida árdua de uma criança tornada serva por ser órfã.

No latim, *laborare*: cambalear do corpo sob uma carga pesada.

Travail, trabajo, trabalho. Palavras derivadas do latim *tripalium*, espécie de jugo utilizado para a tortura e o castigo de escravos.

A origem etimológica de trabalho remete a significados muito distantes dos que foram delineados sobre o tema com o passar dos anos. Partidos políticos, defensores do progresso, sindicatos, religiosos, cidadãos comuns, ricos, pobres, todos levantam a bandeira do trabalho, seja como fator indispensável para a dignidade do ser humano, ou como espécie de motor para o desenvolvimento das sociedades. O sentido de tortura escondido entre as letras da palavra foi esquecido e substituído por algo mais próximo do significado de necessidade.

Quando se pensa no avanço tecnológico que substitui muitas vezes o esforço humano, o trabalho acaba ganhando um caráter quase irracional. Uma adoração a um Deus abstrato, como afirmam os pensadores do grupo *Krisis* em seu *Manifesto contra o Trabalho*. Um vício social que já vinha sendo denunciado por Paul Lafargue em *O Direito à Preguiça*.

*"Uma vez que o vício do trabalho está diabolicamente ancorado no coração dos operários; uma vez que suas exigências sufocam todos os outros instintos da natureza; uma vez que a quantidade de trabalho exigida pela sociedade é necessariamente limitada pelo consumo e pela abundância de matéria-prima, por que devorar em seis meses o trabalho do ano todo?"*

*"Embrutecidos pelo seu vício, os operários não conseguiram perceber que, para que todos tenham trabalho, é necessário racional-lo como se racional a água num navio à deriva."*

*"Será que os operários não compreendem que, sobrecarregando-se de trabalho, estão esgotando as suas forças e a de sua prole? Que, desgastados, se tornam inválidos para o trabalho antes do tempo? Que absorvidos, embrutecidos por um único vício, já não são homens, mas pedaços humanos? Que estão matando em si mesmos todas as belas faculdades humanas para deixar em pé, luxuriante, apenas a loucura furibunda do trabalho?"*

# PURO

# Ecstasy!

O uso da "bala" na batida eletrônica

**Êxtase.** [do Gr. *ékstasis*, pelo lat. *Êxtase*] S.m.1. Arrebatamento íntimo; enlevo, arroubo, encanto. 2. Admiração de coisas sobrenaturais; pasmo, assombro. 3. Psiq. Fenômeno observado na histeria e nos delírios místicos, e que consiste em sentimento profundo e indizível que aparenta corresponder a enorme alegria, mas que é mesclado de certa angústia: fica o paciente quase todo imobilizado, parecendo haver perdido qualquer contato com o mundo exterior. [Cf. *estase*]

(Definição do dicionário Aurélio para a palavra que batizou a substância MDMA)

Luciane Costa  
(lulliluciane@gmail.com)



A repetição sonora comanda os movimentos de centenas ou até milhares de pessoas, iluminadas por luzes coloridas durante a noite e pelo sol depois da chegada do dia. Durante longas horas, jovens dançam segundo a batida eletrônica em cenários que, normalmente, misturam tecnologias modernas a ambientes bucólicos e afastados das grandes cidades.

Nas *raves*, assim como em outros tipos de festas, o uso de substâncias como o LSD, a maconha e o álcool ganham espaço. Porém, é a "bala", como é conhecido o MDMA/ecstasy,

a droga que mais se identifica com este evento. Seu efeito estimulante garante energia suficiente para o extenso período de duração do evento e, ainda, oferece uma sensação de bem-estar e necessidade de contato físico, razão pela qual também é conhecido como "pílula do amor". Cercado pelo mito de algo que não causa vício, o ecstasy ganha espaço e confiança entre os usuários.

## Bala

O MDMA foi sintetizado pelo laboratório farmacêutico Merck em 1914 com a finalidade de ser um supressor de apetite. Ele, todavia, nunca foi usado para tal fim, sendo redescoberto para uso recreativo durante a década de 1970 nos Estados Unidos e na Europa. Seus efeitos psicológicos, semelhantes aos causados por uma mistura entre anfetamina e mescalina, levaram a sua proibição nas décadas seguintes. No Brasil, o ecstasy teve grande difusão a partir dos anos 1990, justamente quando começaram a surgir as primeiras *raves* no país.

Orbital Roxa, Don't stop, Charada Verde, Love e Armani: esses são alguns tipos de ecstasy encontrados por aqui. O nome remete às diferentes ações de cada pastilha, devido às substâncias misturadas ao MDMA. Compradas facilmente pela internet, elas custam em média R\$ 40,00, variando de acordo com a qualidade. No local das festas elas também são vendidas, embora, segundo o universitário Leandro\*, frequentador há dois anos, o comércio não é tão explícito quanto dizem. "Eu sei quem vende e quem usa, mas não é tão aberto assim, por causa dos seguranças", explica.

## Ecstasy na rede

No site de relacionamentos Orkut, uma simples busca por comunidades relacionadas a festas de música eletrônica aponta mais de mil resultados. Entre elas, há muitas que privilegiam o uso de substâncias como o MDMA e o LSD. "Rave eu vo...prafikar" é uma delas, tendo como des-

crição: "Fui em uma festa estranha, acho que era infantil. Todos chupavam pirulito e só queriam doce e bala. Achei que tinha gente doente, pois tomavam comprimidos e só cheiravam vick". A referência à pomada Vick Vaporub, composta por mentol e cânfora, deve-se ao seu uso para refrescar o corpo, que pode chegar a 40 °C.

Já em "Bateu", comunidade que conta com mais de 2 mil membros, o mais comum é encontrar ofertas de venda ou pedidos de recomendação sobre os diferentes tipos de ecstasy ou LSD. O que chama a atenção, porém, é que os membros dessas comunidades possuem, em sua maioria, perfis falsos. Isso ocorre porque os usuários são em sua maioria estudantes e pertencentes a classe média ou média alta. Apesar do uso tão revelado nas festas, eles têm medo de serem reconhecidos, mesmo que seja por um pequeno detalhe em uma foto. Durante as entrevistas para esta matéria, esta foi a principal recomendação. "Olha, só peço que isso fique em sigilo, porque eu estudo e trabalho. Enfim, não quero me sujar", pediu Marina\*, 18 anos.

## Fritos

"A bala tem dois momentos: primeiro tu fritas, depois tu derrete. O derreter é quando tu fica amigo de todos, fica na boa, anda mais devagar... legalzão, sabe? E quando tu tá frito tu quer dançar, fica mais agitado...", explica Leandro, 26 anos. Durante a ação da substância, as horas parecem passar mais rápido. Ele diz perder a noção de tempo e de espaço: "Quando tu vê, já está clareando, depois já é meio-dia. Tu anda para lá e para cá e não cansa". Apesar de ir a *raves* com frequência, o estudante usou ecstasy apenas duas vezes, por medo de seus efeitos: "Eu nunca tomei inteira, não tive coragem. É que, na verdade, eu sei que teve gente que já morreu".

Gustavo\*, 19 anos, descreve a ação do MDMA como "a melhor sensação da vida, pois você esquece os



# Festa Infinita

problemas e sente a música de verdade, ela entra no seu corpo de uma maneira que você não consegue parar de dançar. Você descobre a paz". Para ele, a substância não pode ser comparada à maconha, à cocaína e ao crack. "Eu uso Ecstasy e no outro dia estou normal, acho que nem existe um vício sobre ele, eu nunca escutei falar. O único problema é que tem que saber tomar. Conheço gente que toma sete em uma única festa, daí realmente está brincando com o fogo", afirma o jovem. Leandro, apesar de não ter experimentado outras drogas, também vê vantagem no uso da bala: "Nas vezes em que tomei, não achei nenhum absurdo, até por que eu sempre estive consciente, coisa que quem usa maconha eu acho que não fica".

## Bateu!

A música eletrônica, com sua batida repetitiva e sons mecânicos, realça o efeito da substância. Marina, 18 anos, conta por que as duas combinam: "É uma música forte, dá vontade de tirar toda a adrenalina que o ecstasy traz". Leandro também concorda com essa relação explicando que "os [ecstasys] bem fritos vão perto das caixas para bater melhor". Bater, na linguagem dos usuários, refere-se ao momento em que a droga está no auge de seu efeito. Neste período, é comum ver os usuários de óculos escuros, chupando pirulitos. "A pessoa chupa pirulito para não morder a boca. Não acha que é pelo açúcar, eles só querem o cabinho para mastigar", adverte Leandro.

Para quem consome MDMA, as sensações podem ser diversas, mas sempre relacionadas a um bem-estar extremo. "É uma coisa sem muita explicação, tu sente uma liberdade muito boa", descreve Marina. De acordo com Leandro, a "bala deixa teu corpo leve. Sabe quando tu tá numa festa e começa a cansar as pernas? Se tu tomar ecstasy, as dores somem e tu parece que voa. Pode dançar 15 horas sem parar e nem sente". Michele\*, 30 anos, descreve a droga como algo que "faz sentir bem e dá

uma sensação de paz, de felicidade, além de energia e disposição para ficar horas dançando".

Após a euforia, vem o desânimo. O dia seguinte ao uso costuma ser de um humor mais deprimido. "No início me dava como se fosse uma depressão, uma tristeza inexplicável. Hoje, já não sinto mais isso", afirma Marina. Gustavo diz ter essa mesma sensação, porém a atribui à atividade em excesso: "É um saco porque, como você dançou demais, é certo que vai ficar muito cansado". Assim também é para Leandro: "A sensação é boa, a ressaca é que não é. No outro dia dá uma deprê, e tu fica cansado, mas acho que tem muito a ver com a energia que tu gastou e não se deu conta".

## Vibe

Porém, não só de usuários de ecstasy é formado o público de uma rave. Mesmo quem toma bala não o faz em todas as festas, como conta Gustavo: "Acho que vai de cada um usar ou não. Algumas vezes, eu curto a rave sem usar nada". É assim também com Marina, frequentadora há quatro anos: "Vou praticamente todo o fim de semana, nem sempre uso ecstasy, às vezes é LSD. Mas já fui e voltei sem usar nada".

"Se eu tomo bala, fico tranquilo, o tempo passa mais rápido e eu não canso. Quando eu não tomo, me divirto da mesma forma, vou com amigos, dançamos, tiramos fotos e ficamos até com pirulito para posar de fritos", justifica Leandro. Segundo Michele, quem gosta de música eletrônica consegue se divertir apenas tomando refrigerante e água mineral e aproveitando o que uma rave tem de melhor: "As pessoas estão todas numa boa, você faz muita amizade nova. Parece que não existe baixo astral, não existem coisas ruins, o som entra na tua alma, é uma festa muito diferente das outras".

\*Os nomes foram alterados a pedido dos usuários.

Ele não escutava música eletrônica e nunca havia chegado nem perto de uma festa do gênero. Isso até o início da coleta de dados para o seu livro "Festa Infinita – O entorpecente mundo das raves". Nesta grande reportagem, Tomás Chiaverini frequentou festas no interior de São Paulo e da Bahia, realizou entrevistas com o público e traçou um perfil da cena eletrônica no país. Em seu blog, ele defende que a obra "não é um livro de denúncia. Não pretende julgar ninguém, condenar ninguém, reforçar estereótipos ou perpetuar preconceitos. Pretende apenas retratar, a partir de ângulos diversos, esse grande universo em que se desenrolam as raves" Para tornar o relato completo, porém, o jornalista achou que experimentar MDMA seria necessário. Na entrevista abaixo, ele explica o porquê.

**3x4** - Por que o interesse em se aprofundar sobre o tema raves?

**Tomás Chiaverini** - São diversos os motivos que tornam as raves extremamente interessantes do ponto de vista jornalístico. Primeiro, há esse lado antropológico, da necessidade que o homem tem de festejar, do mergulho nas drogas, do transe pela música. Depois há questões mais práticas: como, por exemplo, por que uma cidadezinha perdida no interior da Bahia recebe um festival que dura mais de uma semana e atrai milhares de pessoas do mundo inteiro?

Por fim, o universo das raves é gigantesco no Brasil e no mundo. Por aqui ocorrem cerca de 1.400 festas por ano, que atraem aproximadamente 500 mil pessoas por mês. E apesar do tamanho desse movimento contracultural, não havia nenhum livro sobre o assunto no Brasil.

**3x4** - Você experimentou ecstasy durante o processo de investigação. De que forma isso foi importante para a reportagem?

**TC** - A maioria dos frequentadores de rave toma ou já tomou ecstasy. A evolução das festas, e mesmo da música eletrônica, está intimamente ligada à MDMA. Então achei que, para compreender melhor esse universo, era necessário passar pela experiência que é tão importante para os ravers em geral. E realmente, depois de usar ecstasy na pista de dança de uma rave, minha visão de todo esse movimento mudou bastante.

Além disso, acho que como me propus a escrever um livro sobre o assunto, tinha que trazer informações que não estarão em nenhum site, jornal ou revista que fala sobre o assunto. Tinha que ir além das reportagens usuais sobre o ecstasy. Ao experimentar a droga e narrar isso, acho que produzi um material inédito, pelo menos na literatura nacional.

**3x4** - Quais foram os principais depoimentos dos teus entrevistados a respeito do uso de drogas nas festas?

**TC** - Entrevistei quase cem pessoas, então há os mais diversos depoimentos, mas o que me chamou mais atenção foi certa hipocrisia de alguns entrevistados. Muitos deles fizeram discursos de apologia às drogas, me incitaram a experimentar, e ressaltaram as qualidades de certas substâncias como formas de se obter uma maior compreensão da realidade. Mas algumas dessas mesmas pessoas ficaram chocadas, e até ofendidas, porque eu relatei as raves com as drogas de forma tão explícita.

Para saber mais, confira o blog [www.antesdaestante.wordpress.com](http://www.antesdaestante.wordpress.com), no qual Tomás Chiaverini registrou os bastidores do livro e o processo da reportagem.



## Nossas ruas são feitas de PEDRA

Guile Rocha (guile.rocha@hotmail.com)

*Em laboratórios artesanais, uma forma não salina da cocaína é isolada em uma solução aquosa. Numa panela, a substância é aquecida num tratamento de sal dissolvido em água com bicarbonato de sódio. A mistura se solidifica em pedaços grossos e secos de coloração amarelada, uma pedra que explode, cristalizando-se com um barulho onomatopéico: crack.*

### As origens nefastas do crack

Nos anos oitenta, o consumo de cocaína popularizou-se pelos Estados Unidos. O narcotráfico colombiano, responsável pela produção e distribuição da cocaína pelo mundo, atingiu níveis avançados de organização e notoriedade internacional, faturando cerca de 200 bilhões de dólares anuais. O preço da droga chegou a despencar 250%, porém continuava muito cara ao bolso dos jovens das periferias.

Enquanto isso, na Nicarágua estourava a Revolução Sandinista, que pretendia acabar com o imperialismo ditatorial que os Estados Unidos exercia no país através da família Somoza. Membros do partido Fuerza Democrática, anti-sandinista e alinhado aos EUA, entram

em contato com um tal coronel Bermudez, sabidamente pago pela CIA, que propôs traficar a cocaína da Colômbia direto para o interior dos EUA, com o objetivo de conseguir fundos para combater os revolucionários sandinistas. Entram em contato com o cartel de Cálí, o mais poderoso da Colômbia, e tentam comercializar a droga nas zonas mais pobres de Los Angeles. No entanto, o alto custo era um impasse para a venda da cocaína nos subúrbios, e o preço de mercado não pode ser rebaixado; afinal, entraria em conflito com o pó de outras quadrilhas.

Neste contexto, uma inovação tecnológica veio resolver os problemas dos contra-revolucionários nicaraguenses. Através dos cristais que restam da fabricação da cocaína, é possível fabricar uma droga inalável, muito

mais barata e potente, adequada aos pobres e que será chamada de crack. Por cinco anos, de 1982 a 1987, os contras, com cobertura de organismos oficiais locais e norte-americanos, despejam 100kg de cristais de coca semanais sobre Los Angeles. Os lucros são lavados em Miami e partem para a América Central, onde alimentarão a subversão contra o governo de Manágua. A pedra se espalhou com uma velocidade alucinante nos guetos negros e latinos, e isso, para os Estados Unidos, tornou-se uma solução implícita e eficiente para barrar o crescimento dos movimentos operário e popular no país.

A situação, porém, ficou fora de controle. Nova York chegou a ter 12 mil pontos de venda, e a taxa de homicídios atingiu 2,2 mil por ano. Em

Washington, capital do país, o então prefeito, Marion Barry, foi preso em 1990 por fumar crack. Desde os primeiros relatos sobre a nova droga, chamava a atenção dos pesquisadores a intensidade e a curta duração dos sintomas de euforia, bem como seu preço (muito inferior ao da cocaína refinada), as impurezas presentes e o 'microtráfico' feito pelo usuário para a manutenção do próprio consumo. Com preço baixo e capacidade acelerada de causar vício, o crack rapidamente migrou dos subúrbios dos EUA para as periferias da América Latina – bairros habitados por minorias e acometidos por altos índices de desemprego, que, com a pedra, alcançaram também índices históricos de violência.

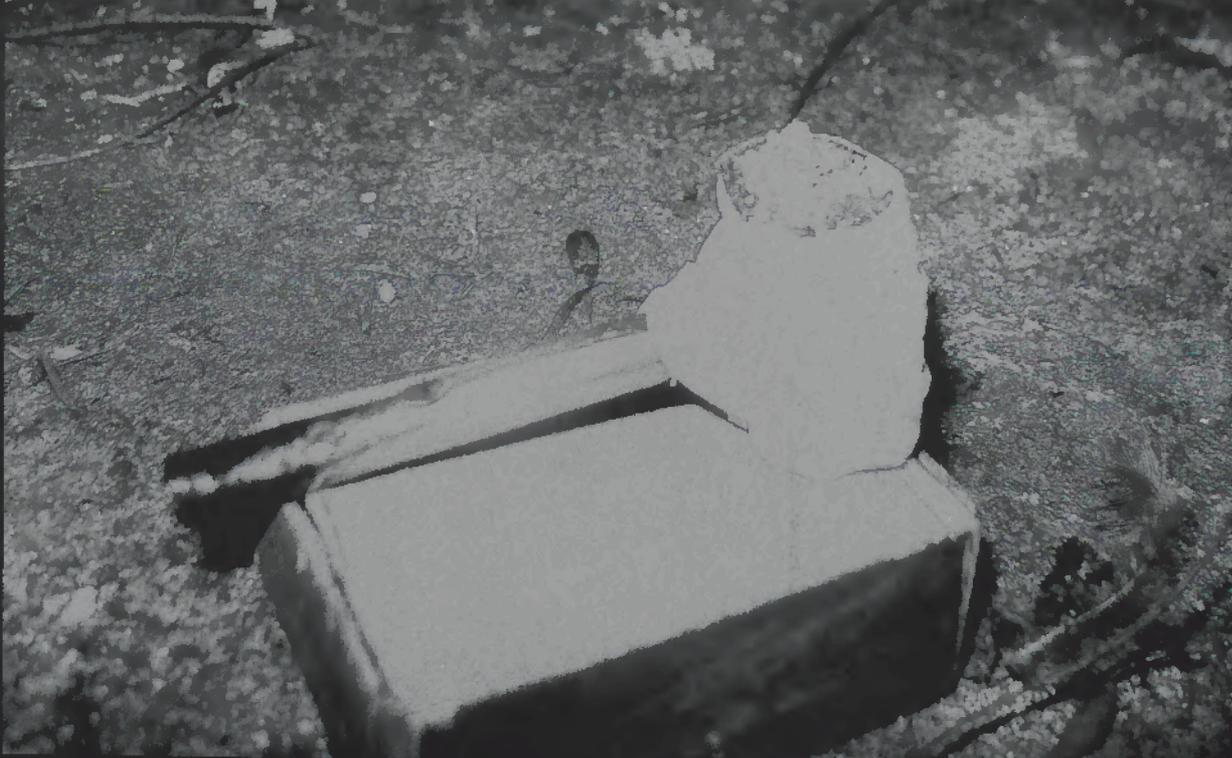
### O remédio para esquecer o passado

A rua Sofia Veloso é uma rota tranquila e pacata para os seus passantes, como um oásis de relativo silêncio em meio à infundável movimentação e burburinhos da Cidade Baixa. Na noite, quando a agitação das massas em busca de diversão lota o bairro mais boêmio de Porto Alegre, é na mesma Sofia Veloso que Mariana encontra um refúgio para esquecer de seus problemas por algum tempo. "Minha vida nunca foi fácil, sabe? Lá em Eldorado, meu pai sempre batia em mim e na minha mãe. Ele era muito louco mesmo, daí um dia botou fogo na nossa casa com minha mãe dentro. É por isso que eu entrei nas drogas, pra esquecer do passado, da família que perdi", explica Mariana, enquanto arruma o cachimbo para mais uma pipada. Ela diz que perdeu a noção do tempo, não sabe bem quando foi parar nas ruas, nem quando chegou na capital. Só sabe que os dias correm muito devagar.

Seu relacionamento com as drogas começou cedo, com o loló dividido entre as amigas numa juventude que aparenta estar muito distante. Já o envolvimento com o crack, Mariana garante ser recente. "Comecei a fumar crack faz pouco tempo, uns três meses, por aí. Mas não gostei, não. O problema é que vicia muito e a panca boa passa rápido demais. Na lata é pior ainda, porque tu sente os pulmões se estragando na hora. Seca demais a garganta. Por isso só fumo no cachimbo." Suas mãos estão trêmulas, ela diz que não gosta de ficar muito tempo parada. Passo-lhe uns cigarros e, já na primeira tragada, Mariana se tranquiliza um pouco. Pergunto como é feito o cachimbo. "Ah, é fácil! O cabo onde se puxa a fumaça pode ser uma antena, dessas de carro ou TV. Daí pega um pedaço de cano de PVC, que vai ser a base, e faz um furo onde se vai juntar com a antena, para a fumaça entrar. O cano de PVC se forra com papel laminado de marmítex, e se passa um plástico em volta da base, porque ai não vaza e segura melhor o laminado enquanto tu fuma".

Para Mariana, a pedra virou a droga das ruas em Porto Alegre. Ela não só chegou aos mora-

*"Na lata é pior ainda, porque tu sente os pulmões se estragando na hora. Seca demais a garganta."*



dores de rua, como fez com que muitas pessoas perdessem literalmente tudo, até chegar à sarjeta, onde se tem apenas o vício como diabólica companhia. "O cara, quando tá sequelado, faz de tudo pela droga. Fica roubando para comprar crack, até mata se precisar e tiver muito fissurado. Não tem mais respeito com ninguém, nem com quem tá nas ruas que nem ele." Mariana me fala que quer mudar de vida, que não se sente mais segura nas ruas onde já foi abusada mais de uma vez. Diz também que pode parar com o crack se quiser, mas para isso precisa de ajuda: "Eu queria arranjar um trabalho, pra poder ganhar algum dinheiro, mas quem mora nas ruas é muito discriminado, ninguém te dá bola mesmo. Eu não sou viciada no crack, fumo umas 2, 3 pedras por dia, mas posso parar se alguém me der uma chance". Pergunto como ela faz para ganhar o dinheiro da droga. "Eu me viro, mas nunca roubei não. Peço nas sinaleiras, vendo umas balas também. Às vezes, vem um playboy querendo comprar pedra, daí eu peço mais e compro pra mim também." Segundo Mariana, ela precisa do crack porque, quando não está no baque da pedra, começa a se lembrar de histórias que a deixam triste, de um passado que guarda mágoas que só a droga pode prender.

Ela prepara uma última cachimbada com os restos da pedra. Apesar de sobraarem apenas farelos, afirma que ainda dá para sentir o prazer da droga. Mariana quer saber se eu tenho algum dinheiro, diz que precisa muito de cinco reais para comprar um cachorro-quente depois. Dou os cinco reais para ela, querendo acreditar que o dinheiro mais tarde fará com que ela coma alguma coisa, mas internamente eu já imaginava que o destino seria outro. Pego minha máquina e

pergunto se posso tirar algumas fotos. Mariana, com seus 25 anos, responde: "Pode tirar sim, não tem problema. Já perdi tudo na vida mesmo". Faz muitos anos que Caju tem no Parque da Redenção o mais próximo que ele pode chamar de uma casa. Virou morador de rua após ver o barraco onde morava pegar fogo na Vila Cruzeiro, cerca de 10 anos atrás. "Mas até já me acostumei a viver nas ruas. É tipo um estilo de vida, tá ligado?" E para conseguir sustentar este estilo de vida tão peculiar, Caju se aproveita da solidariedade dos passantes que lhe atiram moedas, ou vira cuidador de carros em algum lugar de "gente bacana". Agora ele usa o dinheiro para comprar comida e cachaça, mas, no passado, suas reservas iam todas para outro lugar e tinham origens ainda menos nobres: "Uns tempos atrás eu roubava, e a grana ia toda pra pedra. Daí fiquei preso um tempo e decidi parar, porque não queria mais voltar pra cadeia. Hoje minha cabeça funciona melhor, com certeza".

O vício na droga pegou Caju de surpresa, há cerca de cinco anos, quando ele diz que o crack ainda era uma novidade da qual se sabia muito pouco. "Eu não imaginava que fosse ficar do jeito que fiquei, pensava que podia parar quando eu quisesse. Mas não demorou nem um mês para que eu ficasse sequelado, perdi a noção de tempo, só pensava em arranjar um dinheiro para fumar logo." Ele diz que às vezes tinha visões estranhas quando fumava, via tudo mais colorido e se lembrava da infância feliz, quando ainda tinha a companhia da mãe e da irmã. "Minha mãe teve câncer e morreu quando eu era criança. Logo depois, minha irmã ficou doente do pulmão e também se foi.

Depois, minha casa, que era só o que eu tinha, pegou fogo. Mas o que eu posso fazer né? É a vontade de Deus." Caju diz que até tem uma tia com quem ele tem afeição e que possui uma casa onde ele poderia ficar, "mas depois que nós se habituamos a viver nas ruas, não dá mais pra voltar pra casa".

### A escalada da pedra no Brasil

O crack chegou ao Brasil em meados dos anos 80, via São Paulo, onde surgiu a primeira "cracolândia" brasileira. Nos últimos 20 anos, a droga vem se proliferando de maneira assustadora pelos quatro cantos do país, tornando-se problema emergencial ao poder público. No Rio de Janeiro, onde o Comando Vermelho proibiu que o crack fosse comercializado na década de 1990, o consumo da droga aumenta até 300% ao ano. No Distrito Federal, a pedra é considerada a droga ilícita de mais fácil acesso, com pontos de comercialização espalhados por praticamente todas as cidades satélites. De Dourados, em Mato Grosso do Sul, veio o relato de que o crack estava sendo consumido entre comunidades indígenas que vivem perto de centros urbanos, e que, para manter o vício, roubam e matam. Considerada, no passado, uma droga urbana, o crack já se espalha pelas pequenas cidades do país. Em Pernambuco a pedra já atinge o agreste e o sertão, área miserável e tradicional produtora de maconha. Na cidade histórica de Ouro Preto, jovens assumem que o crack

passou a ser consumido com frequência em repúblicas estudantis nos últimos anos.

No Rio Grande do Sul, onde há onze anos a droga sequer existia, a situação é de calamidade contra o crack. A Secretaria de Saúde do RS estima que existam atualmente 50 mil viciados na droga, o que representa cerca de 0,5% da população total. A média de atendimentos psiquiátricos para pessoas viciadas na pedra em Porto Alegre é de 43,35%, a maior entre todas as capitais do Brasil. Estima-se que 11% dos usuários de crack sejam portadores do vírus HIV, sendo que muitos casos são de mulheres grávidas. Nas quatro principais maternidade de Porto Alegre, nasceram, só no ano passado, 117 crianças filhas de mães viciadas, mulheres que provavelmente perderam a coerência necessária para associar o sexo nas ruas ao uso de preservativos. A violência relaciona-se intrinsecamente à droga. Cerca de 80% da violência física gerada no Rio Grande do Sul tem origem ou ligação com o crack. A delinquência juvenil também virou algo inato ao vício. Um levantamento realizado pelo Departamento Estadual da Criança e do Adolescente (Deca) revelou que, em 2008, 55% dos garotos envolvidos em ocorrências relacionadas a drogas estavam sob o efeito da pedra. O reflexo disso tudo se vê nas ruas, sob as pontes e marquises escuras.

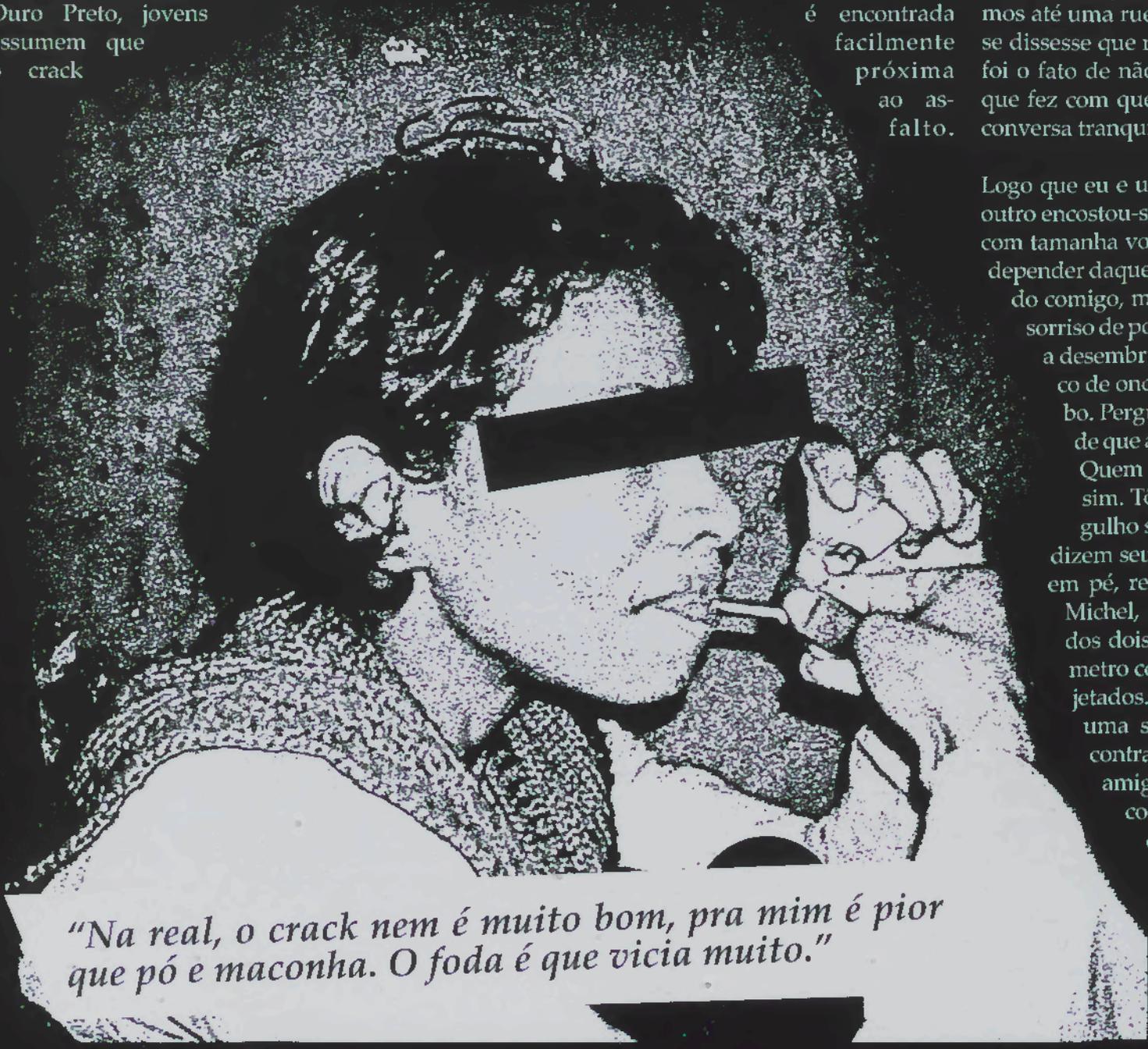
O acesso à droga é fácil para todos. Na vila Bom Jesus, ela já é encontrada facilmente próxima ao asfalto.

No bairro Cidade Baixa reina absoluta nas mãos dos moradores de rua. "Qual é, dos meus? Tu tem pedra aí?", pergunto para o rapaz, sentado despreocupadamente no meio da Vila Planetário. "Tem sim, tá 10 pila pra ti". Dou-lhe o dinheiro e recebo em troca uma minúscula trouxinha de plástico azul. "E maconha, tu não tem?", a resposta explícita quem é o novo dono do tráfico. "Maconha não tem mais, só tem pedra mesmo". "E vende como água, né?". O rapaz sorri e finaliza. "É, vende bem, não dá pra reclamar."

### Juliano e Michel: Irmãos de Cachimbo

Deliberadamente maltrapilho, acompanhado apenas de uma máquina fotográfica e um bloco de notas, caminho até o viaduto onde a rua Borges de Medeiros cruza com a Loureiro da Silva. O lugar é um conhecido reduto de usuários em crack e, portanto, não me surpreendo quando dou de cara com dois garotos preparando o cachimbo, protegidos pela escuridão da ponte. Eles olham para mim desconfiados, até que me aproximo. Indago se algum dos dois vende pedra. "Aqui eu não tenho não. Mas se quiser pego pra ti ali na boca. Só não dá pra tu ir lá assim, todo playboy, que os caras vão cagoetar contigo", responde um dos jovens. Nesta hora me identifico como jornalista e pergunto se posso conversar com eles. "Só se tu tiver uma grana pra nos dar", indica o outro rapaz. Entrego dez reais para ele, e nos dirigimos até uma ruela próxima. Estaria mentindo se dissesse que não senti medo, mas acho que foi o fato de não ter demonstrado este temor que fez com que eu pudesse estabelecer uma conversa tranquila com eles.

Logo que eu e um dos jovens nos sentamos, o outro encostou-se na parede e começou a pipar com tamanha voracidade que sua vida parecia depender daquela tragada. O que estava sentado comigo, mais tranquilamente, abriu um sorriso de poucos dentes podres e começou a desembulhar uma trouxinha de plástico de onde tirou o seu precioso cachimbo. Pergunto para ele se não tem medo de que alguém os veja. "Medo do quê? Quem vê nós é que tem medo, isso sim. Tô na minha, fumando meu bagulho sem fazer mal a ninguém." Me dizem seus nomes. O que está fumando em pé, recostado na parede, se chama Michel, 17 anos, o mais desconfiado dos dois. Fica vigiando todo seu perímetro com uns olhos arregalados e injetados. O outro é Juliano, 20 anos, de uma serenidade surpreendente em contraste com o temperamento do amigo. Mostrando seu incômodo com a situação, Michel anuncia que vai na vila comprar mais crack, me deixando assim sozinho com Juliano que, desde o primeiro momento, eu sabia, seria o porta-voz da dupla.



*"Na real, o crack nem é muito bom, pra mim é pior que pó e maconha. O foda é que vicia muito."*

Com uma grande receptividade, como se estivesse ansioso por uma conversa, Juliano começa me falando da sua vida. "Agora eu tô morando nas ruas, mas eu tenho família, sabe? Estudava também, quase me formei no colégio, ajudava meus irmãos menores. Mas eu sou adotado, tá ligado? E sempre 'noiei' com o meu pai adotivo. Ele era da polícia e tava sempre cagoetando todo mundo. Uma vez deu uma baita surra na minha mãe, daí eu me invoquei e dei uma camaçada de pau que quase matei ele. Fiquei jurado de morte pelo meu pai, daí eu nunca mais voltei pra casa, tive que mudar de cidade. Mas não me arrependo, gosto da vida das ruas." Ele me diz que não se preocupa com um abrigo para repousar na noite, dorme muito pouco, a pedra lhe tira o sono por dias. Quando pergunto que drogas ele já experimentou, abre um novo sorriso e me responde com uma expressão de aparente orgulho. "Olha, não tem droga que eu não tenha experimentado. Nunca fui muito de beber, mas de resto foi tudo. Loló, maconha, cocaína, heroína, ácido, ecstasy, crack. Mas me perdi foi no pó mesmo. Hoje eu só fumo pedra e maconha." No vício do crack, Juliano já está faz três anos. Indagado sobre qual é o efeito da droga, o jovem explica que existem três momentos. "Primeiro vem o baque, que é aquela panca boa de felicidade, uma sensação de liberdade, uma vontade de sair gritando feito louco por aí. Daí, quando passa, o cara fica ligadão, tem que tá fazendo alguma coisa pra se mexer, senão a cabeça começa a pensar muita coisa. Depois vem a fissura, o cara fica 'noiado' com tudo, sente que só vai passar quando pipar de novo."

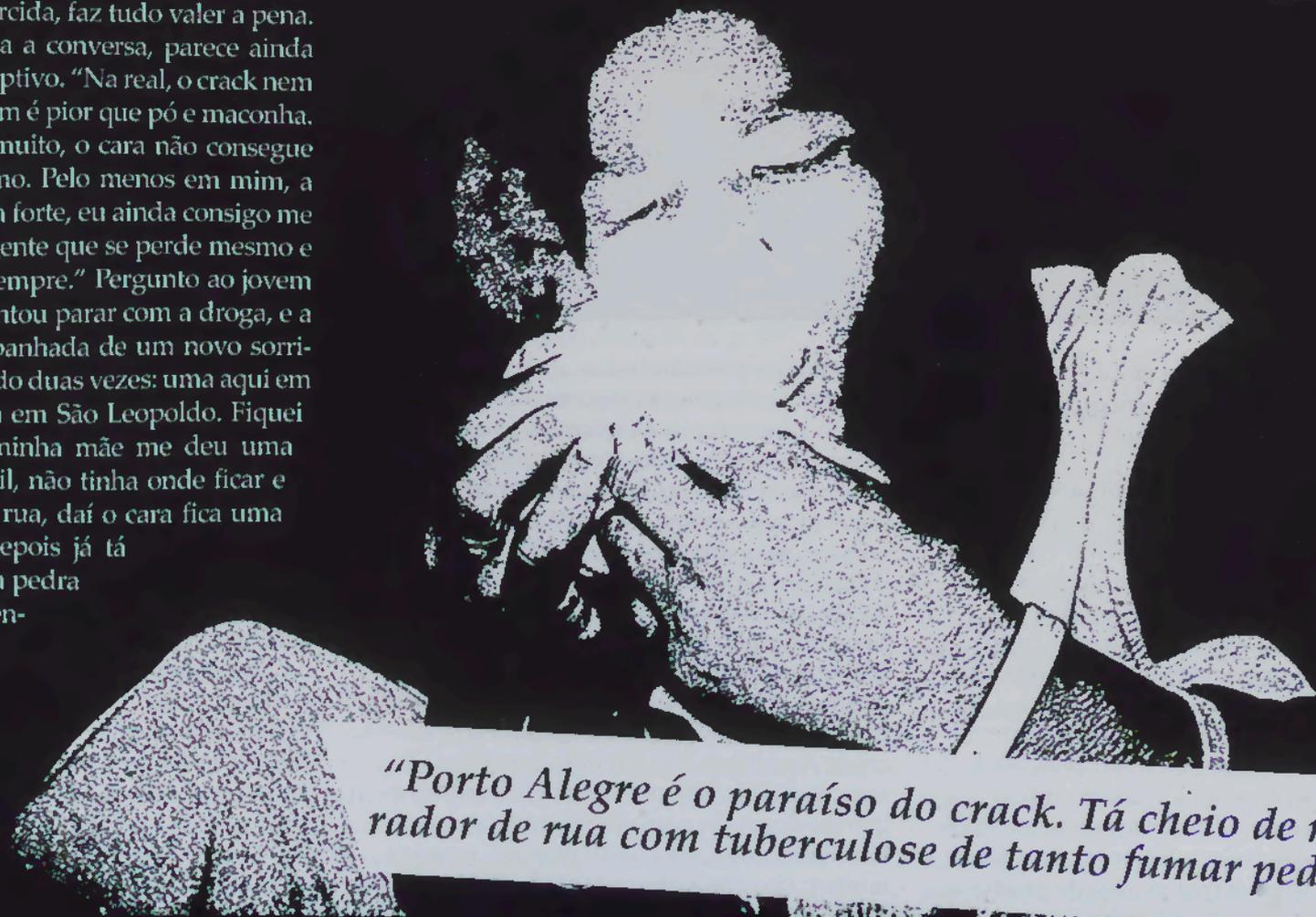
De um pequeno saquinho surgem os restos de uma pedra, que são despejados sobre o laminado no cachimbo e precisamente acesos. Deixo Juliano curtir seu momento de euforia por alguns instantes. Afinal, este é o clímax pelo qual o usuário tanto espera, o ponto que, de uma maneira um tanto distorcida, faz tudo valer a pena. Quando ele continua a conversa, parece ainda mais confiante e receptivo. "Na real, o crack nem é muito bom, pra mim é pior que pó e maconha. O foda é que vicia muito, o cara não consegue largar a pedra mesmo. Pelo menos em mim, a panca ruim não pega forte, eu ainda consigo me controlar, mas tem gente que se perde mesmo e fica sequelado pra sempre." Pergunto ao jovem se ele alguma vez tentou parar com a droga, e a resposta vem acompanhada de um novo sorriso. "Já fiquei internado duas vezes: uma aqui em Porto Alegre e outra em São Leopoldo. Fiquei limpo um tempo, minha mãe me deu uma força. Mas não é fácil, não tinha onde ficar e acabei voltando pra rua, daí o cara fica uma semana na boa e depois já tá desesperado atrás da pedra de novo. Me arrependo de ter começado com isso, mas agora já é tarde. Mas minha cabeça é boa, ainda vou parar com o crack."

Neste momento, Juliano interrompe sua linha de pensamento e, falando mais baixo como se estivesse para revelar um grande segredo, começa a contar a história do amigo. "O Michel é um que perdeu tudo pro crack, e isso que começou faz só um ano, eu acho. Ele morava com a família numa vila em Viamão, mas teve que fugir depois que apagou um cara da boca lá. Uns meses atrás, se meteu num assalto e apagou outro com uma faca. Quando ele tá fumado, fica 'loucão', perde a noção de tudo, tá ligado? Acha que a polícia tá atrás dele, ou é o barão da boca querendo passar ele. E tá sempre cachimbando, fuma pedra atrás de pedra, todo dinheiro vai pro vício. Só eu pra controlar ele mesmo, é como se eu fosse irmão dele nessas horas." Aproveito a deixa para saber como os dois conseguem dinheiro para a compra do crack. "Se eu dissesse que *nós não rouba*, ia ser mentira. Quando a fissura é muita, fazemos o arrastão mesmo. Daí a gente fuma até não poder mais. Uma vez fumamos 600 pila numa noite, ficamos de patrão na boca. Mas isso é só de vez em quando, no mais *nós pede* nas ruas, cuida dos carros de noite". A repressão da polícia também é grande, mas Juliano me revela que ultimamente muitos policiais têm feito vista grossa aos usuários de crack. "Quando eles tão de bobeira e *veem nós* fumando, vão pra cima do cara e enchem de porrada. Já tomei muita surra de polícia, até já acostumei. O pior é se o cara tá vendendo alguma pedra, daí cagoetam mesmo e levam pra delegacia. Mas se tão apressados, passam direto por ti e nem fazem nada. Pra tu ver como já virou uma coisa comum nas ruas ver alguém fumando crack", complementa.

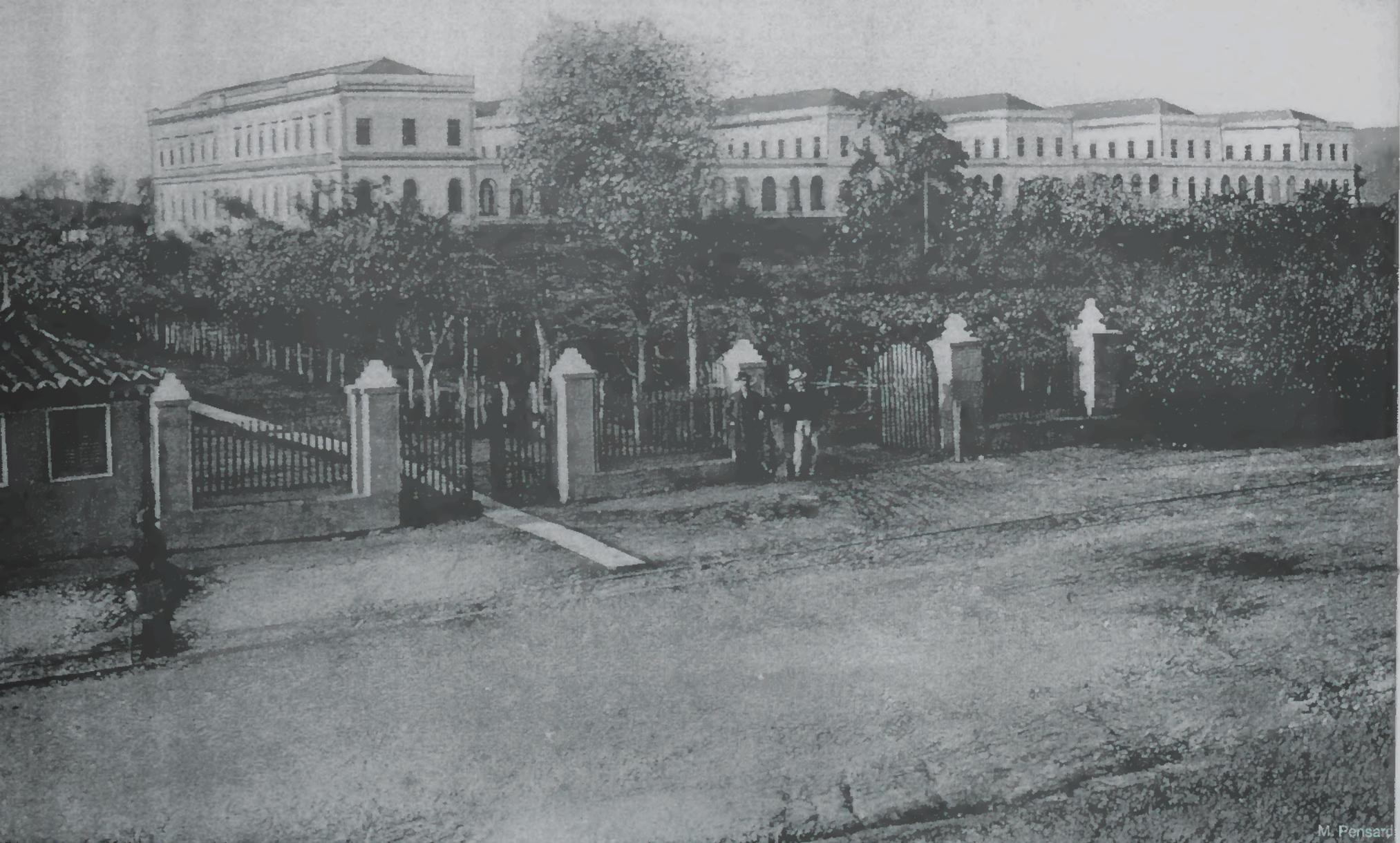
Sobre a presença em Porto Alegre, Juliano não tem dúvidas da grande disseminação da droga. "Porto Alegre é terra de ninguém, o paraíso do crack. Dos que vivem nas ruas, é difícil achar um que nunca provou. E tá se espalhando que nem praga. O amigo passa para o amigo, que depois passa pra outro. No inverno que é pior, porque daí a gente fica com o pulmão fodido também. Tá cheio de morador de rua por aí com tuberculose de tanto fumar pedra e, com o frio, muitos desses podem acabar morrendo." Pergunto se ele se depara frequentemente com algum jovem de classe média usuário de crack. "Na real não é sempre que se vê, mas de vez em quando aparece um *playboy* fissurado por um crack. Já peguei pra uns dois, porque eles têm medo de entrar na boca e pedir. Daí eles já compram um monte direto, 50, 100 pila, e deixam um troco pra nós. Mas sabe como é, pra *playboy* a pedra fica mais cara. Se nós pagamos cinco, eles pagam dez."

Michel finalmente retorna da vila, com mais duas pedras. Ele me abre o pacote mostrando o volume amarelado, parecido com o de uns comprimidos esfacelados. "Isso daí vai rapidinho nesta noite, deve dar pra no máximo umas oito pipadas", explica. Os garotos me autorizam a tirar mais algumas fotos, enquanto eles aproveitam o baque do crack. Michel, porém, começa a ficar tenso novamente, pede pressa, dizendo que a polícia está por perto. Ele me encara novamente com aquele olhar desconfiado do início da conversa, e decido que é hora de ir embora. Juliano, com um derradeiro sorriso, me deseja sorte na matéria. Me despeço dos jovens e sigo meu caminho pela Perimetral, sobre o olhar apavorado de reprovação dos passantes.

*\*Os nomes foram alterados para manter as identidades preservadas.*



*"Porto Alegre é o paraíso do crack. Tá cheio de morador de rua com tuberculose de tanto fumar pedra."*



M. Pensard

Entrevista

# Tudo que vicia é bom?

Se o crack tem sido uma constante nos noticiários, ao *TrêsPorQuatro* não poderia faltar a tentativa de uma abordagem mais ampla do problema. Com esse intuito, conversamos com o diretor do Hospital Psiquiátrico São Pedro, *Luiz Carlos Illafont Coronel*. O psiquiatra situado no "olho do furacão" da epidemia no Rio Grande do Sul ressaltava o caráter hedonista da sociedade atual como fator determinante para o uso de drogas, aponta o papel da escola e da figura do pai na redução do consumo de crack entre os jovens e se mostra otimista: a chance de cura pode ser maior do que se imagina.

Ana Santos (accs29@yahoo.com.br)  
Samantha Klein (sammi488@gmail.com)

*3x4 - Fugindo um pouco do que é dito na "grande imprensa", na tua concepção, o crack é um problema social ou criminal?*

**Luiz Coronel** - Ambos. Ele é um problema do ponto de vista de saúde pública, do ponto de vista criminal e do ponto de vista social. Em todos os lugares onde houve uma epidemia de crack, isto é, onde o uso extrapolou o habitual, o comum, ele vem acompanhado sempre por dois fenômenos: o crescimento da violência e do crime. Nos Estados Unidos, na década de 80, cresceram extraordinariamente tanto a violência quanto o crime, associados. Há poucos dias, eu estava viajando com o secretário de saúde e falávamos de homicídios. Destes, quatro estavam relacionados ao crack. Isso é a regra. O principal motivo de prisão

é o crack, os presídios estão abarrotados. Ou são crimes relativos ao uso, ou são vítimas, ou são agressores, mas relativos ao uso e abuso de drogas. E, em termos de saúde, isso gera uma série de problemas de ordem de segurança, de ordem de políticas sociais. E quem é que é atingido pela dependência do crack? Geralmente, começa com os mais jovens. E é de um modo avassalador, que há quatro, cinco anos, não tinha. Nos últimos três anos, houve um crescimento tal que hoje a nossa unidade, que atende adolescentes, é composta praticamente de 100% de dependentes de crack. A unidade das crianças, que é 5 a 12 anos, já é 70%, 80% por crack. O álcool era a grande droga do passado. Quando se fala de alcoolismo, de cada quatro pessoas, uma era mulher. Já o crack atinge tanto homem quanto

mulher. Cada vez pega jovens mais cedo na vida e começa a avançar sobre as idades mais maduras. Já tem pacientes que usavam álcool, com cinquenta anos, que agora estão no crack. E assim continuará enquanto a epidemia não for controlada. Isso é uma característica da droga. Por que ela funciona assim? O crime cresceu muito mais do que a ciência, a justiça ou a sociedade. É uma droga que é fácil de se encontrar, tem em tudo que é esquina, é barata – cinco "pila" uma pedrinha – e produz um efeito que nenhuma outra produz, de cinco a quinze segundos tu ficas *embaladérrimo*. É uma sensação euforizante, energizante, tu te sentes poderoso. E tem um extremo prazer. E é tão forte e tão bom que a pessoa termina de usar e já vai em busca de mais. Isso é outra diferença qualitativa das outras drogas. Com maconha,

com álcool, a pessoa leva de vinte a trinta anos para se tornar um doente, um alcoolista. Pode trabalhar, ter família. Com cocaína tu consegues trabalhar, estudar, lecionar, dá para levar a vida. Com crack, primeira coisa: tu deixas de estudar, tu deixas de trabalhar, e vais em busca de recursos pra manter o vício. Com quatro ou cinco vezes de uso, já se é praticamente um dependente. Essa é outra característica qualitativamente nova. Tu podes fumar meia dúzia de vezes maconha e não te causa dependência, é preciso insistir muito. E mesmo a coca. Agora, crack, não, tu fumaste meia dúzia de vezes, tu praticamente estás dependente. E aí, gera todo um circuito de ir em busca de mais, e mais, e começa a roubar, a assaltar, podendo até cometer crimes. É tão profunda e tão grave a perturbação de quem usa crack, que o cérebro fica semelhante ao do esquizofrênico paranoide. Paranoide é aquele da desconfiança, de enxergar alguém perseguindo, por isso eles fumam e dizem que ficam "espiados", ficam com "noia". Eles dizem: "Estão me espiando, estão me controlando, a polícia está vindo me pegar". Tem uma pessoa que eu acompanhei que andava e olhava pra trás, andava e olhava pra trás.

Tenho que ressaltar que o crack é novo para poder combater. Tu não combates se não conhece bem. Outra característica importante da droga é que, se tu bebes, tu precisas de quantidades maiores para produzir o mesmo efeito euforizante, para ficar na boa. Isso é com todas as drogas. O usuário de maconha que se torna dependente vai precisar de quantidades cada vez maiores. Coca também, tu vais precisar de quantidades maiores. Agora, com o crack, não precisa de quantidades maiores. Com pouco já produz aquele efeito euforizante, com as mudanças cerebrais.

**3x4 - Mas com o tempo já não é mais a mesma coisa, ter que começar a utilizar cada vez mais para ter o mesmo efeito? Isso é bastante divulgado.**

**LC - Não.** Isso acontece, mas é mais buscando novamente ter o prazer, não é que precise de quantidade. Mas o prazer é tão intenso, tão forte, que a pessoa vai em busca e vai fumar, e vai fumar e fica dias. Deixa de se alimentar, deixa de se cuidar, uma série de consequências negativas. Mas não é pela quantidade, é que ele vai em busca novamente daquele prazer. Pela quantidade em si não precisava. Um pouco da droga produz o mesmo efeito. Isso é típico do crack, devido a essas mudanças cerebrais.

**3x4 - Tu podes fazer uma relação entre o crack e a sociedade brasileira de exclusão?**

**LC - Bom,** a gente trabalha na área da saúde com algo que nós chamamos de fatores de risco. Em ciência é assim. Hoje não se pensa a causa, se pensa em fatores de risco, fatores que podem cooperar para que a pessoa entre no circuito. Há fatores de risco sociais. Nós temos uma cultura narcisista, de culto do hedonismo subjetivista, que busca o prazer, o consumo, o fazer, o transar, o beber. É uma cultura toda voltada para o consumo e para o "não sofrer". Há estudiosos de comunicação que dizem que o homem médio no nosso meio recebe trinta e cinco mil mensagens por dia, e as trinta e cinco mil são de ordem imperativa, não tem reflexão. Então é: "faça, consuma, use, transe, beba, coma", tudo nessa ordem. Então isso contribui

para o uso de drogas porque, de um modo geral, elas têm efeito anestésico.

Há fatores sociais que são ligados à cultura, esse consumismo, essa busca do prazer, da satisfação. Há mudanças em fatores familiares. As famílias no nosso meio – e esse é um problema altamente preocupante, porque é um problema que ainda não foi detectado e analisado como se deve – são monoparentais, quer dizer, só têm mãe e quatro, cinco filhos, uma escadinha. É uma mãe sobrecarregada, com renda média de dois salários (quando muito), que sai de manhã e volta à noite, às vezes no outro dia; e é o filho mais velho quem cuida dos menores. Há uma carência daquele fator que talvez vocês, que são de classe média, tenham conhecido. Quando vocês faziam

que é uma grande solução para ficar todo o dia fazendo exercício, aprendendo coisas. A escola tem de mudar, ser de tempo integral nessas comunidades-alvo, com mais riscos desses problemas. A escola é muito tradicional, centrada no papel, no aprender a ler e escrever. Tinha que ter uma abertura para a comunidade para que, assim, atendessem o perfil dessas famílias e desses jovens. Uma pesquisa entre os jovens da antiga FEBEM – hoje FASE – mostra que, de cada dez que estão lá, quatro tiveram o pai no presídio ou até mesmo preso lá. Então, são famílias que ficam reproduzindo o crime. Há outra pesquisa que informa que 40% da amostra das crianças e adolescentes não são mais monoparentais, que têm só a mãe. 40% moram com "outros". Quarenta! "Outros" é avô, tio, vizinho, amigo. Não é mais pai, nem



Unidade de Dependentes do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

qualquer coisa errada, a mãe dizia pra vocês: "Olha, eu vou contar pro pai de vocês quando ele chegar", e aí tremia a perninha. É o fator de autoridade, do que é certo e do que é errado; e essas famílias não têm isso. Seja porque são mães sobrecarregadas, sozinhas, seja porque estão fragilizadas. A função paterna é colocar ordem na casa, como a função da polícia é botar ordem na sociedade, a do Judiciário é punir. Todas são funções de autoridade, necessárias para a vida humana em sociedade, em família. É um fator de risco muito importante, porque pesquisas mostram que esse é um dos principais fatores familiares para o uso de drogas. Há estudos que mostram famílias em que o pai pode ser um "poste", mas se ele está presente lá ao meio-dia, à noite, se está em casa, tem um efeito positivo.

Em segundo lugar, essas crianças e esses jovens sabem a idade em que são cooptados pela droga e pelo crime. É a idade da bobeira. Quer dizer, de dez a 12, 13, até 17. Idade em que a mãe sai, eles estão ali, meio sem saco para o colégio e ficam fumando um baseadinho. Não ficam numa escola de tempo integral,

mãe! Isso é assustador, porque quanto mais distante o parentesco, menor o compromisso.

**3x4 - Aqui no hospital há internos vindos da classe média?**

**LC - É outra característica perversa dessa epidemia do crack.** Ele avançou sobre os dois gêneros, homem e mulher, e democraticamente avançou sobre as gerações, quer dizer, pega velhos, crianças, adolescentes. Democraticamente também avançou sobre as classes sociais. Cada vez mais nós temos jovens de classe média. O filho que a mãe matou é de alta classe média.

**3x4 - Na década de 90 o crack surge como a droga das classes menos favorecidas, e agora chega na classe média. Por que isso? É curiosidade? Qual é esse limite, no âmbito psicológico? Há uma explicação?**

**LC - Eu não vejo por esse ângulo.** Eu vejo mais como médico. É uma epidemia. Se tu não trata a febre amarela com vacina, não trata a dengue com medidas de higiene, pulverizando lá onde tem o *Aedes Aegypti*, o mosquito transmissor

e a água parada, ela vai continuar crescendo. Toda epidemia de saúde é assim, tu tens que combatê-la, senão ela continua crescendo e produzindo vítimas. Agora, por que atinge as pessoas? Bom, aí tem para todo gosto. Nós falamos de alguns fatores, sociais, culturais, familiares. O ser humano é, por definição, curioso. E que bom que ele é, senão ele não cresceria. O nenezinho, quando começa a explorar a mãe, quando nasce, vai cheirando, vai tocando, vai mordendo. Quando começa a andar ele começa a conhecer o ambiente. Quando vai pra escola, vai ampliando seus horizontes. Aliás, o pecado original, na religião católica, qual é? A Eva provou do fruto da árvore do...? Conhecimento! A maçã era da árvore do conhecimento. Então esse foi o pecado. Curiosa pra saber o que era. E não são só as mulheres, os homens também. O ser humano é e deve ser curioso. E quando não tem muita curiosidade, algo está errado. Ou foi embotado, ou foi reprimido, ou foi muito castigado. Houve algum problema. Como é que se aprende? Começa com a dúvida: "Mas como é que é a epidemia do crack, o que é que faz tanto mal?". Então tu começa a estudar e, pela curiosidade, tu começa a baixar material. Isso faz parte do ser humano, e do jovem com muito mais razão. O recém-nascido, a criança, o adolescente é a mil. Mas acho que nos acompanha toda a vida. Manter a curiosidade é até um fator de proteção para os velhos não ficarem gagás. Fator de proteção contra a demência: manter a curiosidade intelectual, leitura. É verdade. A gente tinha uma ideia errada de que se a pessoa é velha, então não podia ser sobrecarregada. Ao contrário, tu tens que dar trabalho para o cérebro. E trabalho pesado.

**3x4 - Há relação entre o uso do crack e o trabalho? Por exemplo, na década de 70, alguns trabalhadores utilizavam "Pervitin" antes do trabalho. Há uma classe trabalhadora que usa crack atualmente?**

LC - Não, isso é completamente diferente. Denuncia o professor, o professor é da década de setenta (risos). A gente usava para passar a noite estudando antes da prova. Havia várias drogas, algumas ainda existem, embora modificadas, que tiram o sono, são estimulantes. Tiram a fome, também. Então, elas são usadas sabe por quem? Pelos motoristas de caminhão, para ficarem mais tempo acordados, para ganhar um troquinho a mais. E não tem nada a ver com o crack. O crack é outro papo, é uma degradação da cocaína, com suas características altamente potencializadas. Causa dependência e uma série de mudanças comportamentais, e a principal é a violência, para conseguir a droga.

**3x4 - E qual é a motivação do viciado para procurar tratamento? Em geral, é iniciativa própria ou a família encaminha contra a vontade?**

LC - Aí é peça fundamental. Entre os que abandonaram a dependência, a principal motivação é o medo de morrer. Tem um ditado, entre os criminosos, que diz o seguinte: "quem usa crack tem dois destinos: o cemitério ou a cadeia". E a triste realidade é essa. Então, medo

de morrer. Segundo: quem deve desempenhar um papel importante é a família. Eu digo "família", com quem o dependente químico vive. Pode ser a mulher, o marido, o filho, o pai, o vizinho. Com quem ele vive. Tem que ter uma atitude forte. Forte para desintoxicar e forte para mantê-lo numa internação prolongada.

**3x4 - E qual é a perspectiva de cura?**

LC - É bem mais do que se pensa. Como estão no início dos tratamentos, eu não tenho dados suficientes. Mas eu tenho a impressão de que é mais do que a gente pensa. É que, como estão se criando barreiras de atendimento, recentemente ainda não tivemos tempo de ter resultados, mas daqui a um ano, dois, eu vou ter esses dados.



Luiz Coronel, Diretor do Hospital Psiquiátrico São Pedro

**3x4 - Eu estava lendo o caso de uma senhora que praticamente sustentou o vício do filho por 18 anos. Ela ia nas "bocas" pagar a droga, porque tinha medo de que seu filho fosse assassinado. E, por isso, ele nunca teve problema algum com a polícia.**

LC - Ela sustentava o vício para evitar um mal maior. Muito comum, mas, na verdade, funciona ao contrário. É a mesma situação daquele recente caso, divulgado pela mídia, em que aquela família matou o filho. É que tu entras numa submissão à loucura da pessoa, aí ela te agride, vai te chantageando. Começa com chantagem, ameaças, acaba perdendo o respeito, bate. Há o caso de um jovem que botava fogo na casa, quebrava coisas. Vai numa escalada que não tem fim, por medo de se enfrentar. Então, se está drogado, deve-se chamar a polícia ou uma ambulância, levar ao hospital. E não tirar de lá, levar a um hospital que tenha condições de segurar a pessoa.

**3x4 - Na tua opinião, por que há uma avalanche de matérias sobre o crack atualmente, todas mais ou menos parecidas? Porque é um material que vende ou há uma real preocupação?**

LC - Eu acho que é uma necessidade social. É a epidemia da doença número um, do inimigo público, em termos de saúde pública, segurança, criminalidade. Então é justo que se discuta, que matérias como essas divulguem,

que todas as redes e jornais falem a respeito o máximo possível. Nós temos que construir uma rede. Epidemia é como um incêndio que começa numa marca e está avançando. Tem que começar a criar obstáculos para o incêndio não ir em frente. Isso se chama "contra fogos". Nós estamos na etapa de criar "contra fogos", que são atendimentos de urgência, desintoxicação. Um programa de Estado maravilhoso, que é pioneiro no país. É o único Estado que conta com o programa e que o transformou numa política pública. Em setembro ou outubro passado, eu fui fazer uma conferência no Ministério da Justiça e tinha saído uma matéria na Globo sobre a Cracolândia em Brasília, a mil metros do Palácio do Planalto, a céu aberto. Não tem uma política, não tem nem uma identificação em Brasília, no Rio, São Paulo, não tem. Estamos com um projeto de combater essa epidemia. Então, isso inclui desintoxicação no hospital, depois vai, em alguns casos, para as fazendas terapêuticas.

**3x4 - Como é o tratamento? É à base de medicamentos?**

LC - Obrigatoriamente. O crack tem pelo menos quatro dimensões terapêuticas. Quem não faz uma ou outra está pecando gravemente. Primeiro, é farmacológico, porque tem uma estrutura de mudanças cerebrais que exige a medicação. Se tu dizes que o cérebro de quem usa crack é igual ao do esquizofrênico, tu estás dizendo que tem que usar os remédios que se usa pra esquizofrenia, por exemplo. Segundo, psicoterápico. Psicoterapias cognitivas para alguns e psicoterapias compreensivas para outros. A pessoa tem que ser capacitada a entender qual é o seu problema e como lidar com ele. Esse é o objetivo

das psicoterapias. Terceiro, social-familiar. É indispensável o tratamento, a orientação da família. "Meu filho ameaça se matar se eu não der dinheiro, o que eu faço?". Nós vamos ensinar à família o que fazer. E, finalmente, o quarto, que eu não sei como chamar, a não ser como a referência com a rede. A quarta dimensão, quer dizer, a pessoa vive num lugar, num bairro, numa cidade. Se ele sai daqui, digamos, e é de Viamão, então ele vai para o ambulatório X, específico, de Viamão. Entramos em contato com a localidade, só sai assim, senão não sai. Então essa referência com a rede social é muito importante. Tem que ter o compromisso de alguém que vai abraçar e continuar o tratamento. Há trabalhos com famílias do interior que estão sendo capacitadas, com equipes que atendem famílias em casa. A pessoa vai continuar seu tratamento lá, nós vamos chegar ao ponto de mandar o visitador lá para dizer: "Por que não foi à consulta? Por que não foi lá buscar o remédio?". Temos que ter "rédea curta", como diz o gaúcho, para evitar as recaídas.

**3x4 - Quanto tempo dura o tratamento?**

LC - Em média, está crescendo. Isso é outra característica do crack. Precisa de mais tempo para desintoxicar porque o cérebro está impregnado. Dá em torno de 28 dias. Mas há quem fique mais tempo. É conforme a necessidade clínica.

*3x4 - Houve uma época em que, muitas vezes, se usava uma droga para poder falar sobre o assunto. Tu farias isso? Usarias o crack para poder descrever os seus efeitos?*

LC - Olha, ao longo da minha carreira como médico, psiquiatra – que já é longa – e como cidadão – que é mais longa ainda – eu cometi várias loucuras. Interessante que essa nunca foi parte do meu repertório de atos de loucura. Quero dizer, precisar experimentar uma droga para saber como é. Não estou isento de ter o ano que vem, quem sabe, ou depois. Mas não tem feito parte do meu repertório, dos atos loucos da minha vida. Acho que não é preciso. Eu ainda não consegui fumar maconha, o que é um fracasso, na minha geração. Quando eu fui experimentar, estava vencida, eu acho! Mas eu gosto de um vinho, gosto de uma cachacinha. Já fumei cigarro muito tempo. Então essa curiosidade, eu não acho necessária. Na literatura tem uns dez livros, mas era diferente. A droga era diferente, o peiote do Castañeda no México era diferente. Porque quem usa crack com essa finalidade fica incapacitado de escrever.

*3x4 - Por exemplo, se eu usasse uma vez, eu conseguiria fazer uma matéria melhor?*

LC - Eu sei que qualquer coisa que cause vício é boa. Se não é boa, não causa vício. Comer, beber, um jogo, transar, tudo isso está no rol das coisas que podem se tornar vícios. Acho que isso esteve na moda na década de 70. Também experimentavam na condição de paciente, se

internavam num “São Pedro da vida” para ver como era lá dentro. Nós assumimos aqui em 2007, e o pessoal não tinha ainda uma ideia das novas doenças que atingiam essa população. Ainda tratavam como se fossem as doenças da década de 70. Uma geração foi internada em psiquiatria tendo como paradigma a esquizofrenia. Mudou. ■

### “Eu acho que na vida tenho estado na contramão”

Luiz Carlos Illafont Coronel é mestre em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e especialista em Psiquiatria Forense pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). Mas, quem observa seu estilo tranquilo, não imagina que ele poderia não ter se formado: o médico teve problemas com a polícia ditatorial na época da graduação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no início dos anos 70.

Ele diz estar na contramão da vida desde que escolheu a profissão e, também, por sua postura ideológica. Militou na Ditadura, como membro do Partido Operário Comunista e foi preso pelo DOPS no período mais repressor do regime. Veio a exercer cargo público só em 1999, com a vitória do PT na Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Durante o governo de Germano Rigotto no RS, iniciou o desenvolvimento de um programa estadual de prevenção à violência. É diretor do Hospital Psiquiátrico São Pedro desde março de 2007 e está contente com o trabalho que vem realizando na instituição.



# Todo vício pretende ser um 'tapa-buraco'

Guilherme Reolon de Oliveira (guilherme.reolon@ufrgs.br)

Dizia Jacquô Lacan, o segundo pai da psicanálise: "Longe de ser a loucura o fato contingente das fragilidades de um organismo, ela é a virtualidade permanente de uma falha aberta na sua essência. Longe de ser para liberdade 'um insulto', ela é sua mais fiel companheira, ele segue seu movimento como uma sombra. E o ser do homem não pode ser compreendido sem sua loucura, assim como não seria o ser do homem se não trouxesse em si a loucura como limite de sua liberdade".

O vício está em todos. Em toda parte. No real. É universal, mas se manifesta no individual. Sujeita o sujeito a si e aos seus componentes: é senhor, é lorde, é rei. É o que nos faz homens. Opa!, não humanos. A escravidão ainda persiste. Pretensioso, pensa estruturar, ser constituidor. Mas é um engodo, um simulacro. Na constante mutação, traz uma mensagem.

Quer se fazer significado, quando não passa de coisa descartável e superficial. Não preenche qualquer espaço em branco: é transparente. Está, mas não está. Atasana, inferniza. Dissimula e manipula: ignorantes que somos, pensamos que é prazer, quando sequer é puro gozo. Irreal. Enganador. 171.

Sob o flagelo do dia-a-dia, as rupturas, os traumas, os cortes e as supressões, permanecemos abertos, sob o olhar aterrorizador do outro. Uma ferida está disponível, precisa ser fechada. Caso contrário, se faz buraco, fundo, vulnerável à infecção, à desordem, ao caos cotidiano.

No início, era a *visàge*, o olhar especular. Antes do verbo, a imagem se concretiza, é primordial. O humano transfigura em sujeito a partir da alteridade. É o Outro, enquanto espelho, a peça fundamental para a nossa constituição. Sem este Outro, somos o amorfo, o nada, o como-todos, o ínfimo. Com o Outro, sob o seu olhar, se dá a estrutura. Mas ela é indeterminada. Necessita do Desejo, do Amor.

Com o Amor, faz-se o descoberto, se descortina o horizonte: o vazio conclama. Ansia por preenchimento. Mas como preenchê-lo? Que dúvida cruel. De difícil solução. Dolorosa, arrebatadora, crítica. Barrado, à procura da completude, o sujeito persegue objetos. Esta busca pelo objeto, aquele específico, perdido, que foi retirado, roubado do sujeito, é o que move o homem. A vida lhe foi dada, ele está endividado. Dá, então, o objeto.

Sem esta falta, não há sujeito, há simbiose. Não há condição para a entrada na linguagem, no discurso, no simbólico. Não seremos impulsionados, não teremos pulsão, já que completos estaremos. Assim, na correria do dia-a-dia, as coisas, as futilidades nos

arrematam. Ora, a facilidade, o leve, quer preencher o vazio. Maravilha! Entorpecemos, comemos, consumimos, bebemos, criamos, matamos, roubamos, escrevemos, fotografamos. A vida é um "clique".

Superfície, ideologia, transgressão, expressão, dependência. Por caminhos tortuosos, o vício reina. Viciado: defeituoso, falsificado, alterado, contrafeito. Impuro, estragado. Corrompido. Perverso. "Prendam-no!" Deformado, depravado, impróprio. Prejudicial. De repente, corrupto. Todavia, na surpresa, origem do vício: a exuberância, a força, o vigor, o frescor. Mimo, talvez.

**O vício está em todos. Em toda parte. No real. É universal, mas se manifesta no individual. Sujeita o sujeito a si e aos seus componentes: é senhor, é lorde, é rei. É o que nos faz homens.**

Hannibal Lecter, Salvador Dalí, James Joyce, Gilles Deleuze, Marcel Duchamp, eu, você, aquele da esquina, todos loucos, na embriaguez da poluição da cidade, viciados, pensamos estar completos. Chocolate, homicídio, canibalismo, carnaval, trabalho, produto químico. Ah, tem também ninfomania. Felicidade paradoxal: o fluxo do vício endossa. "A responsabilidade é tua!".

Sob insígnias ímpares do contemporâneo, ele é metamorfose: se adapta às necessidades e anseios do sujeito. Cada qual com sua angústia, à espreita de algo que siga a completar, ainda que na fantasia, imagina, delira na objetificação. Mas ela não é aleatória: a pseudo-completude é relativa ao buraco cavado pelo Outro do sujeito. O campo de inscrição signica barra de forma a gerar diferença, singularidade. Assim, o vício precisa, como um vírus, criar o muro. Lá ele se fortifica, cria laços, é metamorfoseado.

E não há vacina, não há antibiótico combatente. O sujeito, único, precisa lidar com o que lhe aflige, com o que ele decidiu, por ora, se afligir. Viciar-se com a pretensão de tapar buraco. Eita, que cabeça oca! O humano é isso: num instante, parece não ter cérebro. E não tem: nessa hora, o obscuro manda, a mente obedece.

Critério para ingresso em grupo e em tribo. Símbolo de passe. Rito. Objeto de passagem. O vício também quer ter importância. A religião,

o rock n' roll, o funk, o culto. "Ele está se manifestando, prestem atenção!". Ave! Santo, santo, santo. Mas não é que o desgraçado está também (nos que frequentam) no santuário.

Utopia, não. O vício é do PHBA. É, o Partido do Homem com Buraco Aberto. "Companheiros e companheiras!" Ele fala, a gente escuta, ele é soberano. A política e seus entraves. Os políticos e suas maracutaias. O voto ainda é válido? "Péra, o que eu estou querendo dizer é que, na atual conjuntura, nós, os votantes, que possuímos o poder de fazer e agir, de ser e estar, de criar e surpreender, de derrubar a oposição, para enfim sermos livres e nos livrarmos dos combatentes que nos querem a qualquer custo, precisamos nos afiliar e lutar por melhores condições reais de justiça, trabalho, emprego, saúde, educação, bem-estar". Ah, pelo amor de *God*. Blá, blá, blá. Ele está ali também. Bem escondido, mas está.

Então, na rotina diária, se trabalha. O chefe é obedecido. O servidor serve. Papelada, escaninho, digitação, telefone, fax, e-mail, reunião. Computadores. Os terminais ligados. Sob um olhar virtual, a máquina permanece: enxerga aquele que está a sua frente. Este, por sua vez, lança um 43. Está feita a relação. Chats, jogos. De palavras, de gestos. Diferentes discursos.

O vídeo está na máquina de captura de imagens, na fotográfica. No auto-atendimento bancário. Na TV. A imagem impera sobre a palavra. O discurso midiático. Viciados em máquinas? Acho que não. O vício do XXI é politicamente correto. "Chega de mal-tratar animais, meio ambiente, mulher, negro, homossexual, pardo, índio, baixo, alto, gordo, magricela, dentuço, quatro-olhos". Tem é que hibridizar tudo. Misturar, remexer, fundir. Físico e material, subjetivo e afetivo.

As árvores conclamam um "STOP!". Ora, o vício é isso tudo: repetição. E é nesse ritmo, nessa incessante repetição de movimentos, gestos, usos, consumos, ações, pensamentos, que a rotina acontece. Vício é rotina. Humanos que somos, rotineiros, logo viciados. Pois a busca constante pela satisfação é o que queremos. Reconhecimento. Tapar-buracos. Para, quem sabe, ser. Engodo. Ela nunca é possível. Se fosse, o que seria da vida? Um nada.

Vício é sintoma. E cada qual, sujeitos, sintomáticos nos constituímos. Pois ele é o que nos torna singulares. Na loucura, no eu, no sintoma, nos metamorfoseamos em Um, ainda que duplo, sempre relacional. Sintoma é exílio, é companheiro, é criação, estilo. O vício, portanto, estará sempre ali. Pretensioso, querendo exercer uma função. Ele pretende, mas, coitado, não tapa buraco algum. ■



# Três por quatro

**Três por quatro** é uma publicação experimental da disciplina Jornalismo Impresso III (2009/1), produzida pelos alunos de Jornalismo da Fabico (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS).

**CONTAMINADO. IMPURO, ESTRAGADO. CORRUPTO.** Chocolate, homicídio, canibalismo, carnaval, trabalho, produção quinária. **É ISSO. NUM INSTANTE PARECE NÃO TER CEREBELO NA ROTINA DIÁRIA, SE TRABALHA. O CHEFE E O** É ROTINA. HUMANOS QUE SOMOS, ROTINEIROS, LOGO VICIADOS. **SINTOMA. É CADA QUAL, SUJEITOS, SINTOMÁTICOS EM TODOS. EM TODA PARTE. NO REAL. É UNIVERSAL, MAS SE MANIFESTA NO INDIVÍDUO** **PREENCHE QUALQUER ESPAÇO EM BRANCO** **CIAR-SE COM A PRETENSÃO DE TAPAR O VÁZIO** **ALÉM DE QUERER TER IMPORTÂNCIA. A RELIGIÃO, O ROCK N'ROLL, O FUNK, O CANTO, A GENTE ESCUTA, ELE É SOBERANO. A POLÍTICA E SEUS ENTRAVES. OS POLÍTICOS E SUAS MARACUTAIAS. É A BUSCA CONSTANTE PELA SATISFAÇÃO É O QUE CRIA OS JOGOS. DE PALAVRAS, DE GESTOS. DIFERENTES DISCURSOS E QUE HIBRIDIZAR TUDO. MISTURAR** **É ISSO TUDO: REPETIÇÃO. É NESSE RITMO, NESSA INCESSANTE REPETIÇÃO, NO EU, NO SINTOMA, NOS METAMORFOSEAMOS EM UM, AINDA IMPULSIONADOS, NÃO TEREMOS PULSÃO, JÁ QUE COM** **CONTAMINADO. IMPURO, ESTRAGADO. CORRUPTO.** **CIAR-SE COM A PRETENSÃO DE TAPAR O VÁZIO**

# Vícios

## três por quatro

em e que hibridizar tudo. Mistura a gente escuta, no. A política e seus entraves. Os políticos e suas maracutaias. **É ISSO. NUM INSTANTE PARECE NÃO TER CEREBELO**